

(Printed with the demonstration version of Fade In)

MONSTRUÁRIO

um filme de
JOSÉ PADILHA

roteiro de
YOYA WURSCH
VINÍCIUS DE OLIVEIRA

(Printed with the demonstration version of Fade In)

- 1 SOBRE O FUNDO NEGRO 1
- Lettering em vermelho: "...E havia trevas sobre a face do abismo..." (GÊNESIS 1:2)
- FADE IN:
- 2 STOCK SHOT 2
- Vista aérea e terrestre da magnitude e imensidão da Floresta Amazônica.
- FUSÃO
- 3 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - NOITE 3
- KARL (30), de quem se vê apenas a silhueta, caminha pelo mato, abrindo caminho com um facão. Ele segue caminhando floresta adentro, até que ouve o choro de um bebê vindo ao longe.
- BEBÊ (O.S.)
Uauauauauaua!
- CORTA PARA
- 4 EXT. CLAREIRA NA FLORESTA AMAZÔNICA - NOITE 4
- Karl, de quem se vê apenas a silhueta, segue caminhando e ao longe vê uma choupana, de onde vem o choro do bebê, cada vez mais alto e estridente.
- BEBÊ (O.S.)
Uauauauauauaua!
- Karl vai se aproximando da choupana, mas para e se esconde ao ver a Onça Boi caminhando em direção ao casebre. Ela entra e ele rapidamente se aproxima com o facão em riste.
- CORTA PARA
- 5 INT. CHOUPANA - NOITE 5
- Onça Boi se aproxima do bebê, que chora desesperado em um bercinho de palha. Quando ela está preste a pegar o bebê, a porta é aberta e a Onça Boi se volta para Karl, de quem se vê apenas a silhueta. Ele pula em cima dela e entra em luta corporal. Onça Boi fere Karl, que a mata a golpes de facão. Onça Boi morre e vira pó, se desfazendo no ar. Karl se aproxima do bebê e o carrega nos braços, acalmado-o.

KARL (O.S.)
Calma, ninguém mais vai te fazer
mal, pequenina...

Karl sai da choupana com o bebê nos braços. Ouvem-se os aplausos da cena seguinte.

CORTA PARA

6 INT. COZINHA DA FAZENDA DE ZELINA - NOITE

6

DIANA (08) e CARLA (06) aplaudem VÓ ZELINA (64), que sorri satisfeita.

DIANA
Conta outra, vó Zelina, essa nem
deu tanto medo.

CARLA
Só na hora que a Onça Boi quase
pegou o neném!

VÓ ZELINA
Já tá muito tarde. Depois vocês
duas vão ter pesadelo.

DIANA
Vamo, não, vovó, conta... Conta...

CARLA
Conta, vó, a gente tá pedindo, por
favor, por favorzinho.

Vó Zelina olha para elas séria. Diana e Carla arregalam os olhos.

VÓ ZELINA
Então vou contar uma de arrepiar os
cabelos! Vocês conhecem a lenda do
Michardo?

Diana e Carla fazem que não com as cabeças.

VÓ ZELINA (cont'd)
Michardo é um homem lobo de pelos
acinzentados e muito furioso. Tem
as presas enormes e quando ele abre
a bocarra, escorre uma baba grossa
e nojenta.

Diana e Carla, animadas.

FUSÃO

8 INT. COZINHA DA FAZENDA DE ZELINA - NOITE

8

Carla e Diana gritam abraçadas e apavoradas e Vó Zelina sorri satisfeita.

CARLA/DIANA
Ahhhhhhhhhhhhhh!

VÓ ZELINA
Eu avisei que ia dar medo, vocês não quiseram acreditar.
(t)
Quem quer um chocolate quente pra acalmar e esquentar um pouquinho?

CARLA
Eu quero, vó.

DIANA
Eu também.

CORTE DESCONTÍNUO.

Vó Zelina serve três canecas de chocolate quente e entrega uma para Diana e outra para Carla.

VÓ ZELINA
Cuidado que tá quente.

Carla bebe.

CARLA
Ai!

VÓ ZELINA
Menina! Eu não acabei de falar que tá quente?

DIANA
Bebe devagar que nem eu, Carla.

CARLA
Tá uma delícia, vó Zelina.

DIANA
O seu chocoleta quente é o melhor do mundo.

Diana e Carla abraçam Vó Zelina, que fica emocionada.

VÓ ZELINA

Ô, minhas meninas, meus amores. A vovó também ama muito vocês.

KARL (38) entra.

KARL

Eu estava estudando na biblioteca quando ouvi gritos.

VÓ ZELINA

Não foi nada demais, meu filho. Só as meninas.

KARL

A senhora anda contando sobre as lendas de novo pra elas, não anda?

VÓ ZELINA

E elas lá querem saber de outra coisa?

KARL

Minhas filha, por que vocês não gostam dos contos de fada como todas as outras meninas?

DIANA

Porque as lendas são muito mais legais, papai.

VÓ ZELINA

Eu conto porque elas me pedem e você sabe que eu não consigo dizer não pras minhas netas e elas se aproveitam disso.

Karl ri.

KARL

Sei, mamãe.

(t)

O meu chimarrão tá pronto?

VÓ ZELINA

Preparo num instantinho.

Vó Zelina põe água para ferver.

KARL

Eu vou colocar as meninas na cama enquanto isso.

DIANA
Boa noite, vó! Benção!

VÓ ZELINA
Deus te abençoe, Diana!

Diana beija Vó Zelina.

CARLA
Boa noite, vovó! Benção!

VÓ ZELINA
Deus te abençoe, Carla.

Carla beija Vó Zelina e as duas meninas saem com Karl.

FADE TO BLACK

9 INT. QUARTO DE DIANA E CARLA - NOITE

9

Diana e Carla deitadas em suas camas. Karl entra com uma maleta. Diana olha para a maleta.

DIANA
Injeção de novo, pai?

KARL
Todo mês vocês têm que tomar,
lembra?

Karl abre a maleta e mostra as seringas com o líquido azul fosforescente.

CARLA
Que doença é essa que tem que tomar
tanta injeção?

KARL
Não é doença, são vitaminas pra
vocês ficarem bem fortes.
(t)
Mas isso é segredo, vocês não podem
contar pra ninguém, entenderam?

DIANA/CARLA
Sim, papai.

Karl aplica as injeções azul fosforescente em Carla e Diana.
Depois beija cada uma delas.

KARL
Amo vocês, minhas filhas!

CARLA/DIANA
Nós também te amamos, papai!

Karl apaga a luz e sai do quarto.

CORTA PARA

10 INT. SALA DE ESTAR DA FAZENDA DE ZELINA - NOITE

10

O fogo crepita na lareira, enquanto Karl bebe seu chimarrão e Vó Zelina toma chá.

KARL
Mãe, não vejo mal das meninas ouvirem as lendas que a senhora conta. Faz parte da nossa cultura. Mas não conta essas histórias agora de noite, senão depois elas têm pesadelo.

VÓ ZELINA
São elas que querem. E pesadelo não mata ninguém.

KARL
Como é a senhora que as educa, faça o que achar melhor. Eu quase nunca estou em casa mesmo.

Vó Zelina o encara.

VÓ ZELINA
O que você está querendo me dizer? Eu te conheço, Karl.

Karl suspira.

KARL
Vou partir em uma nova expedição pela Floresta Amazônica com o Hermes.

Vó Zelina reage, inconformada.

VÓ ZELINA
Por que você insiste nisso, Karl?! É perigoso, há anos que você tenta e até hoje não conseguiu!

KARL
Faço pelas minhas filhas. Preciso encontrar esse artefato que vai salvar a vida de Diana e Carla.

Vó Zelina levanta-se e suspira.

VÓ ZELINA
Eu te entendo. Também sou capaz de
qualquer coisa pelas nossas
meninas.

Karl também se levanta e coloca o chimarrão sobre a mesa.

KARL
Vem cá, me dá um abraço, sua velha
teimosa.

Karl e Vó Zelina se abraçam.

VÓ ZELINA
Promete que vai voltar logo e bem?

KARL
Prometo, mãe. Prometo.

Vó Zelina preocupada. Os dois ali abraçados.

FUSÃO

11 STOCK SHOT 11

Belas imagens da Floresta Amazônica.

FUSÃO

12 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - DIA 12

Karl, HERMES (32), RUDÁ (30) e CAUÃ (28), dois indígenas, e os outros expedicionários caminham na floresta. Eles se guiam por bússola e mapas.

HERMES
Karl, já faz mais de uma semana que
estamos andando pela floresta e até
agora nada! Não fosse a ajuda do
Rudá e do Cauã, já teríamos nos
perdido.

KARL
Você continua o mesmo pessimista
dos tempos de colégio. De quem você
colava nas provas? De quem?

HERMES
De você.

KARL

Então não há motivo pra preocupação. Não tenho dúvida que vamos conseguir encontrar o artefato que estou procurando.

HERMES

Não tenho tanta confiança. Se ao menos você dissesse do que se trata.

KARL

É coisa minha, Hermes, coisa minha!

E seguem caminhando.

CORTA PARA

13 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - DIA

13

Karl, Hermes, Rudá, Cauã e os expedicionários caminham, já exaustos.

HERMES

Vamos parar! Estamos exaustos!

KARL

Não. Vamos seguir. Pelos meus cálculos estamos quase chegando.

HERMES

(grita)

Chegando aonde? Vamos parar, ninguém aguenta dar mais nenhum passo!

KARL

Um passo vocês aguentam sim. Temos que achar a árvore da vida. É enterrados aos pés dela que está o artefato.

HERMES

A única coisa que você sabe é que se trata de uma árvore gigante e nós já passamos por várias delas. Se ainda soubesse que tipo de árvore é.

KARL

Se fosse assim, seria fácil e qualquer um já teria encontrado.

(MORE)

KARL (cont'd)

(t)

Foi de propósito que os povos originários omitiram o tipo de árvore que se tratava.

RUDÁ

Porque eles não queriam que ninguém a encontrasse.

CAUÃ

E assim tinha que ser. Branco teimoso que quer desafiar os antepassados.

KARL

Se vocês não querem ir, fiquem! Eu vou!

HERMES

Karl!

Karl segue andando, mas para ao ver que ninguém o segue.

KARL

(resmungando)

Fracotes!

(t)

Tudo bem, vocês podem parar uns quinze minutos para hidratar e descansar.

HERMES

A parada será de uma hora.

KARL

Preguiçosos!

Karl se encosta em um árvore gigantesca, mas o tronco cede e ele é engolido pelo chão.

KARL (cont'd)

(grita)

Aaahhhhhhhhhhhh!!!

HERMES

Karl!!!

Reação de desespero de Hermes, Rudá, Cauã e dos outros expedicionários. Hermes, desesperado, grita através do buraco na árvore.

HERMES (cont'd)

Karl, você está bem?! Pode me ouvir?

Hermes encara Rudá e Cauã.

HERMES (cont'd)
Temos que descer e tirá-lo de lá.

Rudá e Cauã se olham e depois encaram Hermes. Rudá faz que não com a cabeça.

RUDÁ
Lugar muito perigoso. Não sabemos o que tem lá embaixo. Cauã e eu não vamos.

HERMES
Não posso deixar Karl sozinho, ele vai se colocar em risco.

CAUÃ
E você também, se descer.

HERMES
Vou descer assim mesmo. Vamos usar a corda...
(grita)
Karl, já estou descendo...

RUDÁ
Não faça isto!

CAUÃ
É perigoso, professor.

Hermes pega as cordas e começa a se amarrar.

HERMES
Me ajudem a descer. Eu vou trazer o Karl de volta.

Hermes entra no buraco com cautela e Rudá, Cauã e os demais expedicionários vão segurando a corda e descendo.

CORTA PARA

14 INT. ÁRVORE GIGANTE - DIA

14

Penumbra. Hermes desce suspenso pelas cordas.

HERMES
(alto)
Karl, estou descendo!

Hermes chega ao chão.

HERMES (cont'd)
(p/ cima)
Cheguei! Aguardem o aviso pra
puxarem de volta.

RUDÁ (O.S.)
Voltem agora! Pode ser perigoso
ficar aí embaixo.

HERMES
É só o tempo de achar o Karl.

Hermes pega uma lanterna, acende e olha em volta.

HERMES (cont'd)
Karl, cadê você?! Karl!

Hermes anda por ali, tropeça em alguma coisa e cai no chão.

HERMES (cont'd)
Ai!

Hermes se levanta e examina tudo passando a luz da lanterna.

HERMES (cont'd)
Karl!
(t)
Não é possível! Ele sumiu!

Hermes preocupado.

CORTA PARA

15 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - DIA

15

Rudá, Cauã e os expedicionários terminam de içar Hermes, que
sai do buraco.

HERMES
O Karl não está lá embaixo.

RUDÁ
Como não, professor? Vi ele cair.

HERMES
Mas não há nem sinal dele, eu olhei
com a lanterna. Não tem nada lá
embaixo.

Rudá e Cauã espantados.

CAUÃ
Pra onde ele foi então?

HERMES
Não sei, Cauã.

RUDÁ
Ele foi engolido pela terra. Está
junto dela agora.

HERMES
Você quer dizer... que ele está
morto?

Hermes fica consternado.

FUSÃO

16 STOCK SHOT

16

O grito de Hermes ecoa pela floresta, assustando os
pássaros, que saem voando das árvores.

HERMES
(grito de pavor)
Aaahhhhhhhhhhhhhhh!!!

FUSÃO

17 INT. SALA DE ESTAR DA FAZENDA DE ZELINA - NOITE

17

O fogo crepita na lareira. Vó Zelina toma chá e Carla e
Diana bebem chocolate quente.

DIANA
Que história a senhora vai contar
pra gente hoje, vó?

CARLA
Nada que dê muito medo, né?

DIANA
Medrosa!

CARLA
Você também é!

VÓ ZELINA
Sem brigas, meus amores. Hoje a
vovó vai contar a lenda do/

O telefone toca. Vó Zelina levanta e atende.

VÓ ZELINA (cont'd)
(ao tel.)
Alô! Como vai, Hermes?

Vó Zelina fica por alguns segundos ouvindo. Sua expressão vai ficando séria, tensa e emocionada. Lágrimas vem aos olhos.

VÓ ZELINA (cont'd)
Eu não acredito! Eu disse pra ele não, eu disse! Sabia que tinha algo de errado! Sabia!

Vó Zelina bate o telefone no gancho.

DIANA
O que foi, vó?

CARLA
Por que a senhora tá chorando?

ZELINA
O pai de vocês... Sumiu. Ele estava no meio da floresta e desapareceu. As pessoas que estavam com ele acham que ele morreu.

Carla e Diana começam a chorar.

DIANA
Eu quero falar com o papai!

CARLA
Diz que é mentira, vó!

VÓ ZELINA
Eu não acredito, Carla. Seu pai está vivo. Ele não pode ter morrido.

Carla e Diana, chorando, se abraçam a Vó Zelina.

CORTA PARA

18 INT. QUARTO DE DIANA E CARLA NA FAZENDA DE ZELINA - DIA 18

Vó Zelina arruma as malas de Carla e Diana, que já estão com outras roupas.

VÓ ZELINA
Nós estamos indo pra Manaus atrás de notícias do país de vocês.

DIANA

Eles não devem ter procurado direito, vó.

CARLA

A gente vai lá e acha o papai.

VÓ ZELINA

Eu também acho. Só que precisamos ter cuidado lá em Manaus.

DIANA

Cuidado com o quê, vó Zelina?

VÓ ZELINA

É uma cidade cheia de criaturas fantásticas. Lá tem o boto, a Matinta Pereira, a Vitória Régia, Macunaíma e mais um bando deles.

Carla e Diana se olham, maravilhadas.

CARLA

E a gente vai ver todos eles?

DIANA

Não seja tonta, Diana, isso só existe nas histórias da vovó.

VÓ ZELINA

Não duvide da existência das criaturas fantásticas, meu amor. Elas podem te surpreender.

Diana dá de ombros.

VÓ ZELINA (cont'd)

Vocês já estão prontas?

CARLA

Sim, vó.

VÓ ZELINA

Passaram repelente? Lá é uma mosquitada só.

DIANA

Eu passei em mim e na Carla.

VÓ ZELINA

Ótimo. O carro tá esperando a gente pra levar até Curitiba. De lá vamos de avião até Manaus.

Diana e Carla assentem. Ouve-se o som de um avião levantando voo.

CORTA PARA

19 EXT. PISTA DO AEROPORTO DE CURITIBA - DIA 19
Um avião levanta voo e ganha o céu.

CORTA PARA

20 INT. DELEGACIA DE MANAUS - DIA 20
Hermes conversa com o DELEGADO (50).

HERMES

Karl Schneider, ele desapareceu numa expedição na floresta. Eu tava junto quando ele foi engolido pela terra.

DELEGADO

Se a localização que você falou pros policiais tá correta, ele não sobreviveu. Meus homens tiveram lá. Não tem nada naquele buraco.

HERMES

Meu Deus! Ele tem duas filhas lindas, tão pequenas. Ele é um dos antropólogos mais importantes do país, quiçá do mundo!

DELEGADO

Eu sinto muito pela sua perda, mas homens importantes também morrem.

HERMES

A família já tá vindo pra cá.

O delegado faz que sim com a cabeça.

FUSÃO

21 STOCK SHOT 21
Belas imagens noturnas de Manaus.

FUSÃO

22 INT. QUARTO DE ZELINA NO HOTEL EM MANAUS - NOITE

22

Vó Zelina, Carla e Diana e uma camareira, com o delegado ali.

DIANA

Vó Zelina, eu e a Carla podemos dormir aqui no seu quarto?

VÓ ZELINA

Não. A vovó gosta de dormir sozinha.

(p/ camareira)

Pode levá-las para o quarto delas, por favor.

Diana e Carla se olham e a camareira sai com as malas e as meninas. Vó Zelina fecha a porta do quarto.

VÓ ZELINA (cont'd)

Doutor delegado, quero fazer uma expedição com o professor Hermes e a polícia na floresta. Tenho certeza que vamos encontrar o meu filho!

DELEGADO

Com todo respeito, dona Zelina, não recomendo essa expedição. O local é muito perigoso pra uma mulher na sua idade. É melhor deixar a polícia tomar conta do caso.

VÓ ZELINA

Quero muito encontrar meu filho...
Vivo!

O delegado encara Vó Zelina.

CORTA PARA

23 INT. QUARTO DE DIANA E CARLA NO HOTEL EM MANAUS - NOITE

23

Carla, Diana e a camareira ajudando as meninas a guardarem as roupas no armário. Carla e Diana já estão de pijamas.

DIANA

Como é seu nome?

CAMAREIRA

Elisa.

CARLA
Seu nome é bonito.

CAMAREIRA
Brigada.

DIANA
Você já ouviu falar de algum
monstro perigoso?

CAMAREIRA
Duas primas minhas já foram
seduzidas pelo boto. Uma engravidou
e foi expulsa de casa e a outra se
afogou no rio quando foi atrás
dele.

Diana e Carla espantadas. O telefone do quarto toca e a
camareira atente.

CAMAREIRA (cont'd)
Pois não?
(t)
Sim senhora.

A camareira desliga o telefone.

CARLA
Vovó mandou a gente dormir, né?

A camareira faz que sim e acende a luz do abajur.

CAMAREIRA
Boa noite, meninas.

Diana e Carla se deitam. A camareira apaga a luz do quarto e
sai.

CARLA
Diana, tô com medo do boto.

DIANA
Não se preocupa. O boto só gosta de
mulher, não gosta de criança.

Carla assente. As duas fecham os olhos.

FUSÃO

FUSÃO

25 INT. ÁRVORE GIGANTESCA - DIA 25

Um policial amarrado numa corda desce pelo buraco. Ele chega ao solo. Puxa um pouco de corda e começa a caminhar, fazendo uma inspeção com a lanterna.

CORTA PARA

26 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - DIA 26

Hermes, Rudá, Cauã, o delegado e policiais por ali. Um policial é içado de dentro do buraco por onde Karl caiu. Ele chega ofegante. Os outros policiais tiram a corda.

POLICIAL

(ofegante)

Não tem nada lá embaixo, nenhum vestígio de que alguém caiu lá no buraco.

HERMES

Isso que eu não entendo. Eu e os indígenas vimos o Karl cair. Como pode ele não estar lá dentro?

RUDÁ

Eu disse ao senhor, professor. A terra tomou o senhor Karl para ela.

CAUÃ

Agora ele faz parte da floresta, como as árvores, os bichos, as águas.

HERMES

Juro que não consigo compreender. Ele desapareceu como um passe de mágica, no ar.

DELEGADO

Calma, professor. Nós vamos continuar investigando.

O delegado dá um tapinha nas costas de Hermes, desolado.

CORTA PARA

27 INT. QUARTO DE ZELINA NO HOTEL EM MANAUS - DIA

27

Vó Zelina chora e é consolada por Hermes.

HERMES

Eu não me conformo com esse sumiço.
Ele estava ali, bem na nossa frente
e, de repente...

VÓ ZELINA

Falei tanto para ele não ir! Eu não
estava com um bom pressentimento...

HERMES

Karl era teimoso... Eu pedi pra ele
não descer, mas a senhora conhece o
filho que tem.

Diana e Carla entram correndo e chorando.

CARLA

Vovó, é verdade que não encontraram
o papai?

DIANA

Ele morreu?

VÓ ZELINA

Venham cá, minha pequenas, o papai
foi para outro lugar... Ele não vai
mais voltar.

CARLA

Nunca mais?

DIANA

Pra sempre?

VÓ ZELINA

Para sempre é muito tempo, minha
querida.

Vó Zelina, Diana e Carla choram abraçadas. Hermes observa,
comovido.

FUSÃO

28 STOCK SHOT

28

Noite em Manaus. Movimento das ruas. Pessoas caminhando,
entrando em lojas e restaurantes.

FUSÃO

29 EXT. RUA DE MANAUS - NOITE

29

Vó Zelina, Diana e Carla caminham pela calçada.

DIANA

Tô sem fome.

CARLA

Eu também! Não quero comer nada.

VÓ ZELINA

Vocês precisam comer alguma coisa.
Amanhã cedo partimos de volta para casa.

CARLA

Sem o papai?

DIANA

Ele não vai voltar com a gente?

Elas param de caminhar. Vó Zelina encara Carla e Diana.

VÓ ZELINA

Meu filho não vai mais voltar,
entenderam? Vocês nunca mais vão
ver seu pai! Karl morreu!

CARLA

Eu quero o papai!

DIANA

Nós não temos mais o papai, Carla,
mas você tem a mim e tem a vovó.

Carla abraça Diana. Vó Zelina se comove. Elas são observadas por alguém que não podemos ver.

VÓ ZELINA

Então vamos comer alguma coisa.

As três seguem caminhando, sendo seguidas e observadas por um vulto que não vemos de quem. Carla repara na criatura e para fascinada. Diana percebe que Carla parou e também para. Ela se aproxima de Carla.

DIANA

O que foi, Carla?

CARLA

O que é aquilo?

Ela aponta numa direção. Vó Zelina e Diana olham, mas não há nada ali.

CARLA (cont'd)

Acho que eu vi um monstro igual das suas histórias, vovó.

VÓ ZELINA

Monstro?

CARLA

É. Parece uma onça mas não é onça.

VÓ ZELINA

Isso é fruto da sua imaginação, meu amor.

(t)

Acho que estou contando histórias demais pra vocês duas.

DIANA

A gente gosta de ouvir as lendas, vó!

VÓ ZELINA

Mas ficam tão impressionadas que acham que estão vendo monstros na ruas.

(t)

Vamos, o restaurante é logo ali.

Elas caminham mais um pouco e entram no restaurante.

CORTA PARA

30 INT. RESTAURANTE EM MANAUS - NOITE

30

É um restaurante chique. Vó Zelina entra com Diana e Carla, que não para de olhar para trás. Vó Zelina fala com o maître.

VÓ ZELINA

Mesa para três, por favor.

MAÎTRE

Por aqui, senhora.

Vó Zelina, Diana e Carla seguem o maître. Alguns clientes comem, conversam, bebem. Elas senta-se em uma mesa no canto esquerdo do restaurante. Outros clientes entram.

CARLA

Eu preciso ir no banheiro.

DIANA

Eu vou com você, Carla.

VÓ ZELINA

Não se esqueçam de lavar as mãos.

As duas se afastam da mesa de Vó Zelina. No caminho, Carla olha pra uma das janelas, fascinada com algo. Diana se distrai com um carrinho que passa cheio de sobremesas.

DIANA

Olha quanto doce gostoso! Hummm, vou querer três...

Diana olha para frente, onde Carla deveria estar, e então se dá conta que Carla não está ali. Ela olha para os lados, preocupada. Vê a porta do toalete e corre até lá.

CORTA PARA

31 INT. TOALETE DO RESTAURANTE EM MANAUS - NOITE

31

Diana procura Carla.

DIANA

Carla, você tá aí?

Ouve-se o som da descarga. Diana abre a porta de uma das cabines e tem uma mulher lá dentro.

MULHER

Que isso, menina?!

DIANA

Desculpa, moça.

A mulher fecha a cabine. Diana abre as outras cabines e não tem ninguém. Diana se desespera.

DIANA

Cadê minha irmã?!

CORTA PARA

32 INT. RESTAURANTE EM MANAUS - NOITE

32

Carla caminha entre as mesas sem que Vó Zelina a veja. Ela sai do restaurante. Diana vem logo atrás sem ver Carla e sem que Vó Zelina também a veja.

CORTA PARA

33 INT. FRENTE DO RESTAURANTE EM MANAUS - NOITE 33

Carla sai do restaurante e vai andando, vendo algo que não vemos do outro lado da rua, fascinada. Carla vai até o beco do outro lado da rua. Diana sai do restaurante e vê Carla.

DIANA
(grita)
Carla!

Carla não a ouve, parece hipnotizada. Carla entra no beco e Diana corre atrás dela.

CORTA PARA

34 EXT. BECO DE MANAUS - NOITE 34

Carla, fascinada, encara a Onça Boi, que sorri para ela. Diana chega e vê a cena.

DIANA
Carla!

Carla, ao se virar para Diana, é puxada pela Onça Boi e desaparece no ar. Diana se desespera.

DIANA (cont'd)
Carla! Carla, cadê você!
(berra)
Carla!!!

CORTA PARA

35 INT. RESTAURANTE EM MANAUS - NOITE 35

Diana entra correndo e chorando e se aproxima de Vó Zelina.

DIANA
Vovó, o monstro levou a Carla!

Vó Zelina, que está lendo o cardápio, se assusta.

VÓ ZELINA
O que é que você está dizendo,
Diana?

DIANA
(apavorada)
Eu vi, vovó, eu vi a onça enorme
levar a Carla! Ela parecia uma
mulher, mas era uma onça!

O maître se aproxima.

MAÎTRE
Aconteceu alguma coisa?

VÓ ZELINA
Diana, calma, minha querida, conta
o que aconteceu...

Diana começa a falar, faz gestos, mas não se ouve o que ela diz. O maître, Vó Zelina e outras pessoas ouvem o relato dela, espantados.

CORTA PARA

36 INT. DELEGACIA DE MANAUS - NOITE

36

Vó Zelina com Diana, diante do delegado.

VÓ ZELINA
Eu exijo que a polícia encontre
minha neta! Carla não pode ter
desaparecido no ar.

DELEGADO
Por favor, se acalme dona Zelina.

VÓ ZELINA
(indignada)
Como o senhor quer que eu fique
calma? Já perdi meu filho e agora
minha neta desaparece!
(t)
Eu vou é enlouquecer, delegado!

O delegado enxuga o suor da testa e se aproxima de Diana, que olha para Vó Zelina, que faz que não com a cabeça.

DELEGADO
Conta pra mim, como foi que a sua
irmã sumiu?

DIANA
(chorosa)
Eu não vi.

DELEGADO
No restaurante você contou que
tinha visto.

DIANA

Eu inventei. Achei que ela tava no banheiro e ela não tava, aí, vi a Carla saindo do restaurante. Quando cheguei lá e chamei por ela, não tinha ninguém, a Carla já tinha sumido.

Diana começa a chorar.

DELEGADO

É melhor levar a menina pro hotel. Nós vamos investigar e faremos o possível pra encontrar a sua neta.

VÓ ZELINA

E o impossível também, se precisar.

O delegado assente.

DELEGADO

Quer que um policial acompanhe vocês até o hotel?

VÓ ZELINA

Quero que o senhor e a sua polícia encontrem minha neta e o meu filho!

Vó Zelina e Diana saem.

CORTA PARA

37 EXT. CALÇADA EM FRENTE A DELEGACIA - NOITE

37

Vó Zelina e Diana saem da delegacia e seguem caminhando.

DIANA

Vovó, por que você não deixou eu contar que a Carla foi raptada por um monstro?

VÓ ZELINA

Porque ninguém acreditaria nisso, meu bem.

DIANA

Mas é verdade, vó, eu vi tudinho! O monstro pegou a Carla e eles sumiram na minha frente!

VÓ ZELINA

Eu acredito em você, meu amor. Mas,
por favor, Diana, não repete essa
história pra mais ninguém!

DIANA

O que a gente vai fazer agora, sem
a Carla?

VÓ ZELINA

Calma, meu amor, agora é esperar a
polícia agir.

Vó Zelina faz um carinho em Diana.

FUSÃO

38 STOCK SHOT 38

Fazenda de Zelina.

FUSÃO

39 INT. QUARTO DE DIANA E CARLA - DIA 39

Vó Zelina com um copo de leite na mão e Diana, prostrada na
cama.

VÓ ZELINA

Diana, toma o seu leitinho com
canela e açúcar.

DIANA

Não quero.

VÓ ZELINA

Você não comeu nada o dia todinho.

DIANA

(chorosa)
Quero a minha irmã de volta.

VÓ ZELINA

Pois então, quando a sua irmã
voltar, vai querer te ver firme e
forte, por isso você precisa comer.

DIANA

Eu não tô com fome!

VÓ ZELINA

E se eu contar uma lenda pra você?
Uma que você nunca ouviu na vida?

DIANA

(grita)

Nãooooooooo!

(mais calma)

Não quero nunca mais ouvir lenda
nenhuma, nem história de monstro!
Eu odeio essas histórias! Odeio os
monstros!

VÓ ZELINA

(penalizada)

A Carla vai voltar, você tem que
ter esperança.

Lágrimas escorrem do rosto de Diana e ela se deita chorando.
Vó Zelina enxuga as lágrimas que escorrem do seu rosto.

CORTA PARA

40 INT. COZINHA DA FAZENDA DE ZELINA - NOITE

40

Zelina passa um café fumegante.

VÓ ZELINA

Preciso proteger a Diana. Antes que
o mesmo aconteça com ela.

Vó Zelina fica pensativa.

CORTA PARA

41 INT. QUARTO DE DIANA E CARLA NA FAZENDA DE ZELINA - NOITE

41

Diana chora deitada na cama de Carla, olha uma foto na irmã.

DIANA

Volta, Carla, foge daí... Você é
esperta, não deixa esse monstro te
fazer mal. Primeiro eu perdi o
papai e agora você. Volta pra mim,
minha irmã, por favor...

(t)

Eu te amo, Carla, te amo muito!

Diana segue em lágrimas.

FUSÃO

42 INT. APTO DE DIANA EM LONDRES - NOITE

42

Lágrimas nos olhos de DIANA (30), que é consolada por DÉBORA (35).

DIANA

Nunca mais vi minha irmã. A polícia nunca soube do paradeiro dela, nem o que aconteceu com ela ou com o meu pai.

Débora espantada.

DÉBORA

Acho estranho a sua avó não ter permitido que você contasse pra polícia o que viu.

DIANA

Eu entendo a vovó. Se eu contasse o que vi, que um monstro pegou a Carla, ninguém ia acreditar em mim.

(t)

Como a polícia ia acreditar numa criança dizendo que um monstro pegou sua irmã e desapareceu com ela?

DÉBORA

Eu acredito em monstros. Já fiz até um trabalho sobre o Monstro do lago Ness.

Diana ri.

DIANA

Só você pra me fazer rir numa data como essa... São anos de saudades, sem saber por onde anda a Carla ou o meu pai.

Débora se aproxima.

DÉBORA

Você tá muito triste, não é meu amor?

Diana faz que sim.

DÉBORA (cont'd)

Mas eu sei como te deixar feliz.

Débora se aproxima de Diana e a beija com paixão.

CORTA PARA

43 INT. QUARTO DE DIANA EM LONDRES - NOITE 43

Diana e Débora transam. É uma cena romântica e carinhosa. Elas gozam.

CORTE DESCONTÍNUO.

Diana vê que Débora dorme, levanta-se e vai no banheiro.

CORTA PARA

44 INT. BANHEIRO DO APTO DE DIANA EM LONDRES - NOITE 44

Diana aplica a injeção com o líquido verde fosforescente em si mesma. Ouve-se o toque do celular de Diana, vindo do quarto. Ela termina de aplicar a injeção, enrola a seringa no meio do papel e descarta de forma discreta.

CORTA PARA

45 INT. QUARTO DE DIANA EM LONDRES - NOITE 45

Diana sai do banheiro e vê Débora, sonolenta, que já atendeu o celular de Diana.

DÉBORA
(ao cel.)
Peraí que ela vai falar com você.

DIANA
Quem é?

DÉBORA
É do Brasil, não entendi direito,
acho que é a sua avó.

Diana pega o celular.

DIANA
Ela sempre liga no aniversário de
desaparecimento da minha irmã, mas
esquece que aqui o fuso é
diferente.

Débora sorri para Diana.

DIANA (cont'd)
(ao cel.)
Oi, vó! Eu também tô com saudade.
Sei que é um dia triste pra gente,
mas cada ano que passa a minha dor
cicatrizava um pouquinho. Como a
senhora tá?
(t)
Festa de aniversário? Sério?!

Diana feliz e animada ao celular. Débora a encara sem entender.

CORTA PARA

46 EXT. CÉU - DIA 46

Um avião internacional cruza o céu.

CORTA PARA

47 INT. SALA DE ESTAR DA FAZENDA DE ZELINA - NOITE 47

Festa de aniversário de 85 anos de Vó Zelina. Ela diante de um bolo, com Diana, Débora e outras pessoas em volta, que cantam os parabéns, felizes.

TODOS
(cantam)
É pique, é pique / É pique, é
pique, é pique / É hora, é hora / É
hora, é hora, é hora / Rá-tim-bum...
Zelina! Zelina! Zelina!

Vó Zelina apaga as velinhas e recebe o carinho de Diana.

CORTA PARA

48 INT. QUARTO DE DIANA E CARLA - NOITE 48

Diana come uma fatia de bolo de aniversário, observada por Vó Zelina.

DIANA
O que de tão importante a senhora tem pra falar comigo, vó? É seu aniversário, suas amigas ainda queriam ficar mais um pouco, a senhora que não deixou.

VÓ ZELINA

Elas eu já vejo o ano inteiro.
Estou tão feliz que você tá aqui de novo.

DIANA

Não podia faltar numa data tão especial como essa.

VÓ ZELINA

Eu sei, meu amor, mas eu te chamei aqui porque estou ficando velha.

DIANA

Corta essa, vó!

VÓ ZELINA

Por favor, escute. Eu estou ficando velha e não sei mais quanto tempo tenho de vida pela frente.

DIANA

Para com esse papo triste no dia do seu aniversário, vó. A senhora ainda vai chegar nos cem.

Vó Zelina ri.

VÓ ZELINA

Quem sabe?

DIANA

Eu sei.

VÓ ZELINA

O que eu tenho pra te falar é da maior importância. Um segredo que seu pai me fez jurar que nunca contaria a você e nem a sua irmã.

Diana fica séria e para de comer.

VÓ ZELINA

Um segredo sobre a sua origem.

DIANA

Do que a senhora tá falando, vó?

Vó Zelina, séria, encara Diana.

CORTA PARA

49 INT. CORREDOR DA FAZENDA DE ZELINA - NOITE

49

A porta do quarto de Diana e Carla e o corredor. Ouve-se o som de vozes vindas lá de dentro do quarto, mas não se entende o que é dito.

CORTA PARA

50 INT. QUARTO DE DIANA E CARLA - NOITE

50

Diana chora copiosamente. Vó Zelina emocionada.

DIANA

Não pode ser verdade, vó! Diz que é mentira, diz!

VÓ ZELINA

Me perdoa, meu anjo, me perdoa. Eu sei que não devia ter mentido por tanto tempo, mas era pro seu bem.

DIANA

Pro meu bem? Pro bem de vocês!

VÓ ZELINA

Não, meu amor. Por favor, você precisa entender.

DIANA

Eu não tenho que entender nada! A senhora solta uma bomba dessas e ainda quer que eu compreenda e ache que foi pro meu bem?

VÓ ZELINA

Eu tive medo! Medo de perder você, como eu perdi o seu pai e a sua irmã!

DIANA

Por isso, as injeções, os mistérios quando eu perguntava da minha mãe. Vocês não tinham esse direito!

VÓ ZELINA

O seu pai só fez isso porque ele acreditava que tava te fazendo um bem.

DIANA

Agora é fácil falar. Se coloca no meu lugar só por um instante.

VÓ ZELINA

Sei que é difícil aceitar, mas pelo menos tenta compreender, por favor.

DIANA

Eu chorei anos o sumiço da Carla e agora eu sei que o desaparecimento dela tem um motivo muito claro.

(t)

Por isso a senhora me mandou estudar em Londres, pra que eles não viessem me buscar também.

VÓ ZELINA

Foi, foi por isso mesmo.

DIANA

O papai e a senhora foram cruéis comigo e com a Carla.

VÓ ZELINA

Não, meu amor! Nós te amamos! Se eu pudesse, dava minha vida pra salvar a sua.

DIANA

Eu sinceramente não sei mais o que pensar, não sei.

Diana sai batendo a porta e Vó Zelina fica ali chorando.

CORTA PARA

51 EXT. FAZENDA DE ZELINA - DIA

51

Vó Zelina, Diana e Débora tomam café da manhã em silêncio. Diana mal olha para Zelina. Débora percebe o clima.

DÉBORA

Me passa o açúcar, dona Zelina?

Vó Zelina, sem nem olhar para Débora, passa um potinho para Débora.

DÉBORA (cont'd)

Isso é geleia.

VÓ ZELINA

Desculpe.

Vó Zelina passa o açúcar para Débora.

DÉBORA

Brigada.

VÓ ZELINA

Eu vou na cozinha cuidar dos preparativos pro almoço. Dá licença.

Vó Zelina levanta e sai. Débora encara Diana, que come seu pão, cabisbaixa.

DÉBORA

O que tá havendo entre vocês?

DIANA

Nada.

DÉBORA

Ontem vocês tavam tão alegres na festa, mas desde ontem à noite que você/

DIANA

Não quero falar sobre isso.

DÉBORA

Eu sou sua mulher, confia em mim, Di.

DIANA

Eu confio, só não quero falar desse assunto.

DÉBORA

Que assunto?

DIANA

Dá licença.

Diana levanta e sai.

DÉBORA

Arruma logo suas malas senão a gente vai acabar chegando muito tarde em Curitiba!

Diana já está longe. Débora suspira.

CORTA PARA

Vó Zelina tempera um leitão em cima da mesa. Diana entra.

DIANA

Acho que a gente precisa continuar aquela conversa.

VÓ ZELINA

Você tá mais calma?

DIANA

Não, minha cabeça tá uma pilha, mas se eu não falar vou acabar explodindo.

VÓ ZELINA

Eu não sei onde a sua irmã está, se é isso que você tá pensando.

DIANA

Eu sei que não, vó. Se soubesse, sei que a senhora teria feito de tudo pra trazer a Carla de volta.

VÓ ZELINA

E eu tentei, fiz tudo o que estava ao meu alcance naquela época.

DIANA

Desde ontem eu não paro de pensar em tudo o que a senhora falou. E tomei uma decisão.

(t)

Quero encontrar a Carla e esse artefato que vai salvar nossas vidas.

VÓ ZELINA

Como, meu amor?

DIANA

Ainda não sei, mas vou dar meu jeito.

VÓ ZELINA

Talvez nas coisas do seu pai possa ter uma pista. Eu já li aquele material milhares de vezes, mas...

DIANA

Eu vou dar uma olhada. Onde é que ele guardava?

Diana encara Zelina.

CORTA PARA

53 INT. BIBLIOTECA DA FAZENDA DE ZELINA - DIA

53

Ambiente revirado. Diana vasculha tudo, abre livros, folheia, revira gavetas, procurando algo, até que um envelope cai de dentro de um livro grande e antigo. Diana abre o envelope, dentro do qual há uma pesquisa muito antiga, na qual se vê a imagem do artefato.

DIANA

Só pode ser isso aqui.

CORTE DESCONTÍNUO.

Diana pesquisa no computador, ela vê imagens do artefato e clica em um link, que a remete para a página de um site de leilão. Débora entra.

DÉBORA

Que cê tá fazendo? Daqui a pouco a gente tem que ir pra Curitiba pegar o avião pra São Paulo e depois pra Londres.

DIANA

Eu não vou mais voltar pra Londres, Débora.

DÉBORA

Como assim?!

DIANA

Resolvi ficar no Brasil.

DÉBORA

Sei que a conversa com a sua vó mexeu com você, mas/

DIANA

(corta)

Isso não tem nada a ver com a minha vó. Tem a ver comigo.

DÉBORA

Cê não tá bem, amor, não tá raciocinando direito.

DIANA

Você deve tá me achando uma louca.

DÉBORA

Tô mesmo. Olha isso aqui.

Débora mostra o ambiente em volta.

DIANA

No dia do aniversário dela, a vovó me deu uma pista que pode me levar até a minha irmã.

DÉBORA

Mas a sua irmã não tá sumida faz anos? Não tô entendendo mais nada.

DIANA

Aí é que tá. Eu acho que posso encontrá-la, mas vou precisar da sua ajuda.

Diana encara Débora.

CORTA PARA

54 EXT. SÍTIO ARQUEOLÓGICO - DIA

54

HENRIQUE (52), cercado de outros arqueólogos, trabalha em uma escavação. Eles limpam com pincéis parte da escavação.

ARQUEÓLOGA

Acho que encontrei alguma coisa, Henrique.

Henrique se aproxima e analisa o solo.

HENRIQUE

Parece um pedaço de osso. Será humano ou animal?

Eles continuam trabalhando.

CORTE DESCONTÍNUO.

Henrique e a arqueóloga comem um sanduíche.

ARQUEÓLOGA

Nossa, eu tava morrendo de fome. É duro trabalhar debaixo desse sol forte.

HENRIQUE

Faz parte da profissão. Melhor que ficar enfurnado, trabalhando dentro de um museu.

ARQUEÓLOGA

Ah, se lá tiver ar condicionado, eu troco fácil, hein.

Os dois riem.

HENRIQUE

Eu não. Me sinto vivo escavando a terra em busca do passado. Cada pedacinho de objeto que a gente encontra é um pedaço da história do mundo que a gente vive.

Os dois continuam conversando, mas não se ouve mais o que eles dizem...

CORTA PARA

55 INT. SALA DE AULA DE FACULDADE - NOITE

55

O quadro negro milimetricamente preenchido. HERMES (54), animado, de costas, termina de escrever no quadro.

HERMES

O Período Cretáceo corresponde ao intervalo entre cento e quarenta e cinco e sessenta e cinco milhões de anos antes de Cristo. É um dos períodos mais importantes da história da humanidade porque foi nele que/

Hermes se volta para a turma e repara que pouquíssimos alunos prestam atenção, a maioria olha no celular, outros desenham e alguns dormem. Hermes fica frustrado. Ouve-se o som do sinal.

HERMES (cont'd)

Bem, na próxima aula vou continuar falando sobre o Período Cretáceo. Quem puder, pode ler o livro/

Hermes para de falar ao ver que os alunos o ignoram e saem rapidamente da sala.

ALUNO

Nem precisa, fessor, já vi Jurassic Park.

O aluno sai e Hermes resmungo, ofendido.

HERMES

Nem sei porque eu ainda perco meu tempo aqui. Que historiadores de merda serão esses?

Hermes olha para o celular, não há notificação. Ele pega suas coisas, suspira e sai.

CORTA PARA

56 INT. LIVRARIA - NOITE

56

Noite de autógrafos do novo livro de OSCAR (57), que autografa exemplares em uma mesa, diante da qual há uma pequena fila, na qual estão Hermes, Henrique com a arqueóloga e outros. Oscar fala com Hermes enquanto autografa o livro dele.

OSCAR

Era para o lançamento estar cheio. Mas ninguém mais tem interesse em cultura nesse país, as pessoas só querem saber de literatura rasa, pornográfica.

HERMES

Ela é que perdem, Oscar. Você é um escritor brilhante!

OSCAR

Você fala isso porque é meu amigo.

HERMES

Você precisa acreditar no seu talento. Isso não é um defeito.

Oscar devolve o livro para Hermes.

OSCAR

Prometo que vou tentar.

Oscar devolve o livro de Hermes, que permanece ali. Henrique entrega o seu livro pra Oscar, que o autografa.

OSCAR (cont'd)

Pelo visto só os meus amigos vieram no lançamento. Que deprimente.

Hermes e Henrique riem.

HENRIQUE

Obrigado pela parte que me toca.

(t)

Todo lançamento você fala isso. A Vera veio comigo e não é sua amiga.

Oscar devolve o livro para Henrique e pega o livro da arqueóloga para autografar.

ARQUEÓLOGA

Adorei o seu último livro sobre a ditadura militar. Meteu o dedo na ferida.

OSCAR

Coragem é para poucos. Obrigado.

Oscar entrega o livro para a arqueóloga.

HENRIQUE

Amanhã vai ter aquele leilão de artefatos raros de civilizações antigas que eu falei ontem no almoço. Se vocês se interessarem.

ARQUEÓLOGA

Desculpa, Henrique, mas leilão não tem nada a ver comigo. Isso é pra quem tem dinheiro.

HENRIQUE

Prometo que você vai se divertir.

ARQUEÓLOGA

Obrigada, mas não. Tenho certeza que depois de você, o mais novo lá vai ter uns oitenta e cinco anos.

A arqueóloga ri.

OSCAR

Ei! Eu vou nesse leilão e ainda estou muito bem conservado.

Henrique e Hermes riem.

ARQUEÓLOGA

Ai, desculpa.

HERMES

Não liga pro Oscar, ele só tá brincando contigo.

OSCAR

Não vejo qual é a graça. Trata-se do resgate da nossa história. Uma peça rara sempre traz consigo um pedaço da história.

(t)

Onde vai ser esse leilão?

Oscar encara Henrique.

FUSÃO

57 STOCK SHOT 57

Belas imagens de Curitiba.

FUSÃO

58 INT. CASA DE LEILÕES - DIA 58

Leilão em andamento. O LEILOEIRO (45) apregoa o artefato, protegido por uma redoma, para os participantes do leilão, dentre os quais, Hermes, Henrique e Oscar, sentados juntos.

LEILOEIRO

Senhores, este é um autêntico artefato dos povos originários das civilizações pré colombianas, chimu, tiahuanaco e huari, estabelecidas nos Andes e, para nossa felicidade, encontrado na região amazônica, com data estimada do século sete. Portanto, uma relíquia de valor histórico inestimável, cujo lance inicial é de cinquenta mil reais.

(t)

Quem se arrisca a dar o primeiro lance?

Hermes levanta a mão.

LEILOEIRO (cont'd)

Cinquenta mil reais para o cavalheiro na primeira fila. Quem dá mais?

(t)

Cinquenta mil e quinhentos reais?

Uma mulher levanta a mão.

LEILOEIRO (cont'd)

Alguém oferece mais? Cinquenta e um mil reais?

Oscar levanta a mão.

OSCAR

Cinquenta e três mil reais!

Henrique fica admirado.

HENRIQUE

Não sabia que um humilde escritor
tinha tantas posses.

OSCAR

Não sou rico de família como você,
mas tenho minhas economias. Além do
mais, alguém tem que valorizar a
cultura nesse país.

LEILOEIRO

Cinquenta e três mil para o
cavalheiro elegante.

(t)

Alguém dá mais? Eu ouvi cinquenta e
quatro mil?

A mulher levanta a mão.

LEILOEIRO (cont'd)

Cinquenta e quatro mil reais para a
senhora.

Oscar, contrariado, olha para a mulher.

OSCAR

Cinquenta e cinco mil!

Hermes cutuca Henrique.

HERMES

(cochicha p/ Henrique)

Quer ver ele ficar bravo?

Henrique sorri e Hermes levanta a mão.

HERMES (cont'd)

(veemente)

Sessenta mil reais!

O leiloeiro assente.

LEILOEIRO

Muito bem, cavalheiro, esse é o
espírito da coisa.

(t)

Quem dá mais?!

Hermes, indignado, encara Hermes.

OSCAR

Isso não é uma brincadeira.

HERMES

Será que um pobre professor
universitário não tem o direito de
sentir o gostinho do poder de vez
em quando?

Henrique ri. Oscar levanta a mão.

OSCAR

Sessenta e um mil reais!

HERMES

Sessenta e dois mil reais!

OSCAR

Sessenta e três mil reais!

HERMES

Sessenta e quatro mil reais!

Oscar se levanta, inflamado.

OSCAR

Setenta mil reais!

A plateia reage, espantada. Burburinho.

LEILOEIRO

Parece que temos um vencedor,
senhoras e senhores.

HERMES

(p/ Oscar)

É, você venceu, não tenho dinheiro
para aumentar minha oferta.

Oscar resmunga e Henrique ri.

LEILOEIRO

Bem, me parece que agora temos um
vencedor. Alguém dá mais?

Hermes faz que não com a cabeça.

LEILOEIRO (cont'd)

Dou-lhe uma, dou-lhe duas/

Débora invade o salão.

DÉBORA

Cem mil reais, senhor leiloeiro!

Todos se voltam espantados para Débora.

OSCAR
Quem é essa mulher?

HENRIQUE
Parece a Débora.

OSCAR
Quem?

Débora se aproxima do leiloeiro.

DÉBORA
Estou aqui representando minha
namorada, Diana Schneider. Ela é
quem vai arrematar a peça.

Débora mostra um papel.

DÉBORA (cont'd)
Aqui está a procuração. Tenho
autorização para fazer um pix
imediatamente.

LEILOEIRO
Bem, sendo assim.
(t)
Alguém dá mais do que cem mil reais
por este belíssimo artefato?

Hermes, Oscar, Henrique e os demais não se manifestam.

LEILOEIRO (cont'd)
Bem, sendo assim. Dou-lhe uma, dou-
lhe duas, dou-lhe as três!

O leiloeiro bate com o martelo.

CORTA PARA

59 INT. BAR DA CASA DE LEILÕES - DIA

59

Hermes, Henrique e Oscar bebem, frustrados.

OSCAR
Eu já estava sentindo aquela
reliquia nas minhas mãos.

HERMES
Não faz mal, Oscar. Você pode
arrematar a peça que quiser, tem
dinheiro.

OSCAR

Você também deu seus lances.

HERMES

Por graça. Ou você acha que um professor universitário tem abacaxi pra dar lances em um leilão desse naipe?

Henrique ri.

HENRIQUE

Ele só queria encher sua paciência, Oscar.

OSCAR

Você disse que conhecia a moça que arrematou a peça. Quem é?

DÉBORA (O.S.)

Débora Lemos, jornalista.

Hermes, Oscar e Henrique se voltam. Henrique sorri.

HENRIQUE

Então é você mesma, sua danadinha. Quanto tempo!

Henrique abraça Débora.

DÉBORA

Como você tá, Henrique?

HENRIQUE

Bem, trabalhando bastante.

OSCAR

Parabéns pela arrematação. É um belíssimo artefato.

DÉBORA

Não me importo nem um pouco com ele. É minha namorada que deseja tê-lo, senhor Oscar W. O'Flahertie.

OSCAR

A senhorita me conhece?

DÉBORA

Quem não conhece o romancista brasileiro mais publicado no exterior depois de Paulo Coelho?

HERMES

Desculpe, mas não lembro de você.

DÉBORA

O importante é que eu conheço os três e estou aqui pra fazer um convite.

OSCAR

Vai nos levar para jantar?

DÉBORA

Não. Eu tenho aqui comprovantes de pix no valor de quinhentos mil reais, que foram depositados nas contas de vocês.

Hermes, Oscar e Henrique se surpreendem.

HERMES

Como?

OSCAR

Quinhentos mil reais?

HENRIQUE

Na nossa conta?

DÉBORA

Isso mesmo. Espero pelos três amanhã às três da tarde nesse endereço. Um motorista irá buscá-los em suas casas.

Débora entrega um cartão para Hermes, outro para Henrique e outro para Oscar.

DÉBORA (cont'd)

Não faltem. O assunto também é do interesse de vocês.

Hermes, Henrique e Oscar se entreolham, desconfiados.

OSCAR

Escuta, mocinha.

Eles reparam que Débora sumiu e se espantam.

HERMES

Pra onde ela foi?

HENRIQUE

Ela tava aqui ainda agora.

OSCAR

Isso não está me cheirando bem. A troco de que uma estranha ia nos dar quinhentos mil reais assim, do nada?

HERMES

Só vamos descobrir se formos a essa reunião na casa dela.

HENRIQUE

A Débora é namorada de uma ex-aluna minha, Diana. Tenho certeza que ela deve tá por trás disso.

HERMES

Diana Schneider? Filha do Karl?

HENRIQUE

Ela mesma.

HERMES

Acho que estou começando a entender.

OSCAR

Pois eu continuo boiando.

Oscar dá um gole da bebida.

CORTA PARA

60 EXT. MANSÃO EM CURITIBA - DIA

60

Um carro com Hermes, Henrique e Oscar adentra pelos portões e passa pelos jardins até chegar à porta de entrada do casarão. Eles se surpreendem com a magnitude da propriedade.

CORTA PARA

61 INT. HALL DA MANSÃO EM CURITIBA - DIA

61

Débora recebe Oscar, Henrique e Hermes, os três surpresos.

DÉBORA

Fico feliz que tenham vindo.

HENRIQUE

Isso é coisa da Diana, não é?

Débora sorri e segue para dentro.

DÉBORA

Por favor, me acompanhem até o escritório.

OSCAR

Antes de mais nada eu quero saber do que se trata. Por que me pagaram quinhentos mil reais para vir aqui hoje?

DÉBORA

Se vier comigo, vai descobrir.

Débora adentra pela mansão. Henrique e Hermes vão atrás dela, seguidos de Oscar.

CORTA PARA

62 INT. ESCRITÓRIO DA MANSÃO EM CURITIBA - DIA

62

Oscar, Hermes e Henrique confortavelmente instalados, com Débora ali com eles.

DÉBORA

A anfitriã já vem recebê-los.

HENRIQUE

Que brincadeira é essa, Débora? O que a Diana está pretendendo?

DÉBORA

Não posso dizer mais nada. Com licença.

Débora sai. Oscar admira o ambiente.

OSCAR

Dinheiro e classe podemos dizer que ela tem. Livros raros, belas obras de arte. Vejam, aquele quadro é/

Diana entra.

DIANA

(corta)

Um autêntico Caravaggio. A decapitação de João Batista.

Oscar, Hermes e Henrique se voltam para Diana.

DIANA

Boa tarde, senhores. Obrigado por terem vindo.

HENRIQUE

Diana, você continua linda como sempre.

Henrique abraça e beija Diana, cumprimentando-a.

DIANA

Quanto tempo, Henrique. Desde as suas aulas em Oxford.

HENRIQUE

Nem tanto tempo assim. Parei de lecionar tem apenas dois anos.

DIANA

E agora resolveu trabalhar em campo.

HENRIQUE

É a minha vida.

Diana sorri para Hermes.

DIANA

Como vai, professor Hermes?

HERMES

A filha do meu grande amigo Karl. Como você cresceu, menina!

DIANA

Obrigada.

OSCAR

Pelo visto todos aqui se conhecem, menos eu.

DIANA

Não seja por isso, Oscar. Diana Schneider, muito prazer.

Diana estende a mão para Oscar e o cumprimenta.

OSCAR

O que a senhorita quer de nós, afinal?

DIANA

É muito simples. Quero contratar os seus serviços.

OSCAR

Quer que eu escreva um romance por encomenda?

(MORE)

OSCAR (cont'd)
Desculpe, mas minha inspiração não
é movida pelo vil metal.

DIANA
Nem por mais quinhentos mil reais?

HENRIQUE
Por que você depositou esse
dinheiro na nossa conta?

DIANA
Sentem-se, eu vou explicar.

Hermes, Oscar e Henrique se entreolham.

DIANA (cont'd)
Sentem-se, por favor.

Hermes, Oscar e Henrique sentam-se. Diana aperta um botão em
seu relógio.

DIANA (cont'd)
Zé, baixar as luzes e ativar.

A luz do ambiente baixa e ZÉ (61), um homem grisalho que
veste um terno preto e gravata impecável, se materializa
diante deles. Ele se bate, tirando o pó.

ZÉ
Olá, eu sou o Zé, a primeira
inteligência artificial criada por
cientistas e pesquisadores
brasileiros.

Hermes, Oscar e Henrique impressionados.

ZÉ (cont'd)
Sou o assistente virtual da Diana,
e posso ajudar com informações e
conteúdos.

(t)
Peço desculpas se a apresentação
foi abrupta e causou algum
constrangimento. Acho que fiquei
muito tempo sem trabalhar.

Henrique, Oscar e Hermes espantados com Zé. Oscar toca com o
dedo indicador o braço de Zé, atravessando-o. Zé reage com
indiferença, remexendo o canto da boca. Diana sorri.

DIANA
Não se preocupe que você vai
trabalhar muito agora.

(MORE)

DIANA (cont'd)

(t)

Como o professor Hermes deve se lembrar, o grande sonho do meu pai era localizar este artefato.

Diana mostra o artefato arrematada no leilão.

HERMES

Sim, lembro que o Karl queria encontrar um artefato, mas nem me dei conta que era esse que estava no leilão.

DIANA

Pois bem, por sorte ele foi localizado, vendido no leilão e arrematado por mim.

(t)

Zé, iniciar apresentação sobre o artefato.

Zé assente aponta para a frente, aonde uma imagem holográfica em 3D do artefato surge e fica rodando em círculos.

ZÉ

Este é um artefato pré-colombiano. Sua origem remonta/

OSCAR

Nós já ouvimos essa ladainha no leilão. Adiante!

Zé faz cara feia e mostra a língua para Oscar.

DIANA

Adiante, Zé, por favor.

ZÉ

Esses povos tinham profundo domínio sobre o metal. Todas as obras foram feitas por artesãos e sua função é transportar para estes objetos representações pré-determinadas pelas crenças e ciências populares.

(t)

O artefato possui um dispositivo secreto de abertura para acesso dos manuscritos em seu interior.

Diana mostra o artefato em suas mãos para Hermes, Oscar e Henrique.

DIANA

Tão secreto que é imperceptível.

(t)

Obrigada, Zé. Interromper
apresentação e acender as luzes.

A imagem holográfica do artefato desaparece e as luzes se
acendem.

DIANA (cont'd)

Então, senhores, eu contratei vocês
por suas especialidades para serem
integrantes da minha expedição na
busca pelo dispositivo que abre
esse artefato.

OSCAR

Contratou?

DIANA

Claro, Oscar. Ou você acha que
esses quinhentos mil que eu mandei
depositar na sua conta é um
presente?

OSCAR

Não, claro que não.

DIANA

Vocês receberam quinhentos mil
reais de adiantamento e vão receber
mais quinhentos mil ao final da
expedição, independentemente do
resultado ser exitoso ou não.

OSCAR

Isso é uma loucura. O que eu vou
fazer lá?

DIANA

Escrever e documentar tudo o que
acontecer durante a expedição.
Hermes e Henrique, com seus
conhecimentos de história e de
arqueologia vão me dar suporte na
missão.

HENRIQUE

Pode contar comigo, Diana.

HERMES

Eu acho arriscado, você sabe o que
aconteceu com o seu pai.

DIANA

Sei, mas isso não me dá medo, me dá coragem.

(t)

Vocês estão comigo?

Hermes, Oscar e Henrique se entreolham.

HENRIQUE

Eu tô dentro!

HERMES

Eu também.

DIANA

E você, Oscar?

OSCAR

Quando é que partimos?

Diana sorri.

DIANA

Saímos pontualmente amanhã às oito da manhã. O contrato está sobre a mesa. Fiquem à vontade para ler e assinar. Com licença.

Diana sai. Hermes, Oscar e Henrique se entreolham.

HERMES

Um milhão de reais pra cada um por uma expedição na Amazônia...

OSCAR

Que essa maluca nem sabe se vai dar certo. Tem gente que gosta de jogar dinheiro pela janela.

Henrique pega o contrato e lê.

HENRIQUE

Caralho!

ONE

Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: interjeição usada para traduzir indignação ou admiração que significa grande quantidade. Substantivo masculino que indica o órgão sexual masculino, pênis.

Hermes, Oscar e Henrique olham, simultaneamente, para a direção de seus próprios pênis.

CORTA PARA

63 EXT. HANGAR DO AEROPORTO DE CURITIBA - DIA

63

Jatinho por ali, sendo preparado pela equipe. Próximo a ele, Diana, Débora, Hermes, Oscar, Henrique, GUILHERME (22), VICTOR (28), FRANCISCO (40) e SANDRO (45).

DIANA

Vou fazer as apresentações. Esse é o Guilherme, nosso cinegrafista.

GUILHERME

E aí? Como cês tão?

Oscar, incrédulo, Hermes e Henrique cumprimentam Guilherme.

DIANA

Aquele é o Victor, que vai fazer a nossa segurança durante a viagem e os funcionários dele, Sandro e Francisco.

VICTOR

Tamos aqui pra proteger vocês dos perigos da floresta, não é pessoal?

SANDRO

Isso mesmo, chefe.

FRANCISCO

Qualquer perigo é só chamar.

DIANA

E esses três aqui são o professor Hermes, o escritor Oscar e o arqueólogo Henrique, que vão nos ajudar na missão.

DÉBORA

Não tá esquecendo de ninguém, não, meu amor?

Diana sorri.

DIANA

Bem lembrado. Essa é Débora, a mulher da minha vida.

O piloto se aproxima.

PILOTO

Dona Diana, o jatinho já tá pronto pro embarque.

DIANA

Vamos, então?

Todos fazem que sim e rumam para o jatinho.

FUSÃO

64 STOCK SHOT

64

Jatinho levanta voo no aeroporto de Curitiba. Imagens da floresta amazônica, chegando a Manaus.

FUSÃO

65 EXT. AEROPORTO DE MANAUS - DIA

65

Diana, Débora, Henrique, Oscar, Hermes, Guilherme, Victor, Sandro e Francisco, no meio do caos do trânsito da área de desembarque. Oscar enxuga a testa com um lenço.

OSCAR

Em qual hotel vamos ficar? Espero que seja um bem limpinho. Já sinto os calores da floresta.

DIANA

Não há hotel. Daqui vamos pegar um táxi até o cais. O barco já deve tá esperando a gente.

HERMES

Achei que íamos ficar baseados em Manaus.

DIANA

Não, professor. Vamos seguir de barco pelo Rio Negro e acampar no meio da floresta.

OSCAR

Acampar? Mas eu nem trouxe meu repelente.

HENRIQUE

Que isso, Oscar. Tenho certeza que a Diana preparou tudo pra gente, não é?

DIANA

Não se preocupem. A Débora já cuidou de tudo.

HERMES

Não é melhor pernoitarmos aqui? O pessoal deve estar cansando.

FRANCISCO

Eu tô quebrado.

Victor cutuca Francisco com o cotovelo.

VICTOR

Minha equipe e eu estamos às suas ordens, Diana.

DIANA

Então não vamos perder tempo. Quero anoitecer já no curso do Rio Negro.

Eles seguem em direção aos táxis.

CORTA PARA

66 EXT. RIO NEGRO/BARCO - DIA

66

O barco percorre o rio. Diana, Débora, Hermes, Henrique, Oscar, Guilherme, Victor, Sandro e Francisco, o barqueiro e um ajudante espalhados pelo barco. Sozinho na proa, Guilherme fotografa o rio. Ouve-se um canto lírico e doce vindo ao longe. Guilherme se volta e vai até a lateral no barco e admira a Iara, cujo corpo só se vê do busto para cima. Ela canta enquanto nada próxima ao barco. Guilherme fotografa a Iara, totalmente hipnotizado. A Iara sorri para Guilherme e gesticula com a mão, chamando-o. Guilherme fica tentado, sobe na grade do barco. Uma mão toca o ombro de Guilherme, que sai do transe. É Sandro.

SANDRO

Cuidado, moleque. Se cê cair na água vai dar trabalho te salvar.

GUILHERME

Você ouviu?

SANDRO

O quê?

GUILHERME

Aquela menina linda cantar. Um canto lindo, cara.

VICTOR

Que menina? Eu não vi e nem ouvi nada, só o motor do barco.

Guilherme olha de novo para a água, mas Iara já desapareceu.

GUILHERME

Caramba! Ela tava nadando ali agorinha. Eu vi. Olha aqui na câmera.

Guilherme mostra a câmera digital para Sandro, rola as fotos, mas só se vê a água, a Iara não aparece.

SANDRO

Conselho de amigo. Manera na erva, tá?

Sandro dá dois tapinhas no ombro de Guilherme e se afasta. Guilherme fica confuso.

CORTA PARA

67 EXT. RIO NEGRO - DIA

67

O barco segue pelo rio. Atrás dele, a Iara nada, revelando sua cauda de sereia. Ela sorri, revelando seus dentes pontiagudos e seus olhos vermelhos e solta um grunhido. A Iara mergulha no rio e some.

CORTA PARA

68 EXT. RIO NEGRO/BARCO - DIA

68

Na popa do barco, Diana e Débora olham para o rio e para a floresta na margem, fascinadas.

DÉBORA

Cê acha que tem alguma chance de encontrar a sua irmã?

DIANA

Não sei, amor, mas preciso tentar.

DÉBORA

E esses tontos acreditaram mesmo que você ia gastar essa fortuna toda pra abrir aquela porcaria?

DIANA

O artefato não é uma porcaria,
Débora. Ele também é importante pra
mim.

DÉBORA

Só queria entender o motivo.

DIANA

Na hora certa você vai saber.

DÉBORA

A gente nunca teve segredos uma da
outra.

DIANA

Não tem segredo nenhum, meu amor.
Isso é coisa da sua cabeça.

Diana beija Débora. Hermes se aproxima.

HERMES

Desculpe interromper, mas eu não
podia deixar de falar no quanto eu
tô emocionado de tá aqui com você,
Diana, depois de tantos anos, numa
missão com a filha do meu grande
amigo Karl.

DIANA

Posso imaginar, professor.

HERMES

E também não posso deixar de dizer
que tô preocupado. A última vez que
tive na Amazônia foi justamente com
o seu pai, quando ele desapareceu.

DIANA

Deve ter sido horrível. Não gosto
nem de lembrar dessa época.

HERMES

Até hoje tenho pesadelos com aquele
dia.

DIANA

Pode ficar tranquilo, professor
Hermes, desta vez nossa expedição
vai correr sem nenhum imprevisto ou
perigo.

HERMES

Que assim seja.

DÉBORA

Isso eu garanto. Preparei tudo de forma a não dar sorte pro azar.

OSCAR (O.S.)

Ai! Esses mosquitos ainda vão me matar!

Oscar se defende dos mosquitos, ajudado por Francisco. Victor observa e meneia a cabeça, inconformado. Sandro ali com ele.

HERMES

(p/ Diana)

É melhor eu ajudar o Oscar, ele não tá acostumado ao trabalho de campo.

Hermes vai até Oscar.

SANDRO

(p/ Victor)

Por que a gente tá aqui com esses idiotas, chefe?

VICTOR

Pela grana, é claro. Além do dinheiro que a Diana já pagou, acho que ainda podemos lucrar muito mais nessa aventura.

Henrique se aproxima de Diana e Débora.

HENRIQUE

Desde que fui embora de Londres, achei que nunca mais ia te ver.

DIANA

E olha a gente aqui de novo.

HENRIQUE

Como no tempo de Oxford, minha aluna mais aplicada.

DIANA

Como no tempo de Oxford, meu professor favorito.

Henrique fica sem graça.

HENRIQUE

O que você acha que tem dentro do artefato?

DIANA

Não faço ideia, Henrique. Estou fazendo isso pela memória do meu pai, porque sei que é isso que ele faria se estivesse vivo.

HENRIQUE

Você acha que ele morreu?

DIANA

Tem como não achar? Mais de vinte anos sem notícias. Ele sumiu na frente de testemunhas.

HENRIQUE

Só quero que saiba que você e a Débora podem contar comigo e com os meus conhecimentos.

DÉBORA

Que não são poucos. Eu lembro da Diana falando das suas aulas, ela voltava com a cabeça que parecia que ia explodir.

Eles riem. O barco segue pelo rio.

CORTA PARA

69 EXT. BEIRA DE CAIS NO RIO NEGRO - NOITE

69

O barco está atracado. Diana, Débora, Guilherme, Victor, Sandro e Francisco já desembarcaram. Hermes e Henrique desembarcam. Oscar é ajudado pelo barqueiro. O PAJÉ (71) se aproxima de Diana.

PAJÉ

Sejam bem-vindos! Que os deuses estejam com vocês.

O pajé faz uma reverência. Diana o imita, assim como os demais.

DIANA

Obrigada por nos receber, pajé.

PAJÉ

Faz parte do meu trabalho receber todos que chegam à nossa aldeia.

(t)

Venham comigo!

O pajé sai caminhando, seguido por Diana, Débora e os demais. Ouve-se o uivo de um lobo. Francisco se amedronta e Victor ri.

VICTOR

Tá com medo do lobo mau, Francisco?

FRANCISCO

Eu não. Eu sou é macho.

VICTOR

Tô vendo. Desse jeito, na hora do vamos ver, as patroas é que vão ter que te acudir.

Eles seguem caminhando.

CORTA PARA

70 EXT. ALDEIA INDÍGENA - NOITE

70

Diana, Débora, Henrique, Oscar, Hermes, Guilherme, Victor, Sandro, Francisco, o pajé e outros indígenas comem em volta da fogueira. Oscar encara a gamela com a comida.

OSCAR

Que gororoba é essa que eles nos deram para comer?

HERMES

Não sei, mas tá muito bom. Se você não quer comer, deixa que eu como o seu.

OSCAR

Pior do que comer gororoba, é não ter o que comer.

HENRIQUE

É muito feio desdenhar do alimento e da hospitalidade de quem recebe a gente.

Oscar suspira e come.

CORTE DESCONTÍNUO.

Os indígenas distribuem copos de coco com o líquido sagrado. Todos se voltam para o pajé.

PAJÉ

Apresento a Nhandervuçu, a divindade superior, criadora de todas as almas, das águas e de Tupã, o responsável por controlar o tempo, o clima e os ventos. Quem bebe do líquido sagrado se encontra com Deus.

OSCAR

(p/ Hermes)

Eu não vou tomar isso.

HERMES

Vai sim! Tapa o nariz e engole.

Oscar resmunga.

DÉBORA

(p/ Diana)

Isso não é perigoso?

DIANA

Não era você que era fascinada pelo perigo?

Débora sorri.

DIANA (cont'd)

Eles nunca colocariam a nossa vida em perigo. Os indígenas amam a vida e os seus semelhantes.

O pajé e os demais bebem. Oscar cheira o líquido sagrado, bebe e faz cara feia. Victor, Sandro e Francisco bebem com desconfiança. Todos os demais bebem normalmente. E então começam a reagir à ingestão. Os olhos de Oscar saltam, Hermes sua muito, Victor levanta agitado e olha desconfiado para tudo e todos, Sandro e Francisco se movem de forma frenética, Débora cai paralisada no chão, Guilherme tem uma crise de riso, Henrique admira a lua no céu e uiva. Diana, agitada, treme. Seus olhos se tornam amarelo/laranja, como os de uma onça. Ela olha para a floresta e vê a Onça Boi surgir por entre as árvores, rugindo. Diana se apavora.

ONÇA BOI

Esperei tanto por esse momento, Diana. Finalmente você veio me encontrar.

Onça Boi vem na direção de Diana, que se desespera.

DIANA
(grita)
Aaahhhhhhhhhhhh!!!

Diana sai correndo e Onça Boi vai atrás dela. Débora, no chão, paralisada, vê Diana correr, mas não enxerga a Onça Boi. Diana vai em direção à floresta.

DÉBORA
Diana... Aonde ela tá indo?

Débora faz um esforço hercúleo e tenta levantar.

DÉBORA (cont'd)
Aaahhhhhhhhhhhh!!!

Débora cai de joelhos.

DÉBORA (cont'd)
Diana!

Débora olha em volta e vê os outros completamente alheios. Ela vai andando devagar na direção para onde Diana foi.

CORTA PARA

71 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - NOITE

71

Diana corre desesperada, com a Onça Boi vindo atrás dela. Ela cai, se levanta e continua correndo, até que atola na areia movediça e fica presa.

DIANA
Socorro! Alguém me ajuda!

Diana olha para trás. A Onça Boi desapareceu. Diana se debate na areia movediça. Diana, afundando, aperta o botão no seu relógio.

DIANA (cont'd)
Zé, ativar!

Zé se materializa ao lado de Diana e reage, espantado.

ZÉ
Diana! O que tá acontecendo?

DIANA
Me ajuda, Zé!

ZÉ

Não posso, Diana, sou apenas uma inteligência artificial, não tenho força e nem resistência.

DIANA

Então vai chamar alguém!

ZÉ

Meu raio de atuação é apenas onde está o seu relógio.

DIANA

Droga, Zé! Você não serve pra nada!

Zé reage decepcionado.

ZÉ

Hummm... Magoei.

DIANA

Desculpa, Zé.

(t)

Como eu faço pra sair daqui?

ZÉ

Para se salvar da areia movediça é importante não se movimentar porque é o movimento que nos faz afundar. Deve-se permanecer imóvel para que o corpo possa flutuar. Se alguma parte do seu corpo estiver presa, faça movimento circulares porque isso vai fazer com que a areia se comporte como líquido e você possa se mexer sem afundar.

DIANA

Tá dando certo, Zé! Eu tô conseguindo!

ZÉ

Então continue.

Débora chega devagar, quase se rastejando.

DÉBORA

Diana!

DIANA

Me ajuda a sair daqui, amor!

DÉBORA

Peraí que eu vou pegar alguma coisa
pra você se segurar!

Débora, se apoiando, adentra na floresta.

ZÉ

Precisa de mais alguma informação?

DIANA

Não, Zé. Obrigada. Zé desativar.

Zé desaparece.

DIANA (cont'd)

Débora! Cadê você?!

DÉBORA (O.S.)

Já tô indo!

Débora chega com um pedaço de pau e estende na direção de Diana.

DÉBORA

Segura aí que eu te puxo.

DIANA

Sozinha cê não vai conseguir, amor.
Tá muito pesado. Vai chamar ajuda.

DÉBORA

Todo mundo bebeu o líquido sagrado,
tão alucinados.

(t)

Segura forte que eu vou te puxar.

Débora faz força e puxa o pedaço de pau segurado por Diana na outra ponta.

DIANA

Não tá dando certo.

DÉBORA

Para de se debater! Se você ficar
se mexendo eu não vou conseguir te
tirar daí.

DIANA

Me ajuda, amor, eu não quero
morrer!

Débora puxa o pedaço de pau com força e tira Diana de dentro da areia movediça.

DIANA (cont'd)
Aaahhhhhhhhhhhh!!!

Diana cai por cima de Débora. As duas quase sem fôlego. Elas se olham se encaram, riem e então se beijam.

DÉBORA
Essa foi por pouco.

DIANA
Brigada por salvar minha vida.

DÉBORA
Só fiz o que você faria por mim,
meu amor. A minha vida seria muito
chata sem você do meu lado.

Diana sorri e faz um carinho em Débora.

DIANA
Vem, vamos voltar pra aldeia. As
pessoas devem tá preocupadas com o
nosso sumiço.

DÉBORA
Duvido.

Débora ri. Diana e Débora levantam e saem caminhando.

CORTA PARA

72 EXT. ALDEIA INDÍGENA - NOITE

72

Victor, Sandro e Francisco desmaiados no chão. Oscar vomita horrores, ajudado por Guilherme, que fica enojado e vomita também. Henrique se levanta, cheio de dores. Hermes, com as mãos na cabeça, conversa com uma indígena.

HERMES
Tive um pesadelo horrível. Parecia
um demônio. Queria acordar, gritar,
mas ele não deixava.

INDÍGENA
Jurupari te visitou. Você não vai
mais conseguir dormir.

HERMES
Como assim?

INDÍGENA
Espere aqui, eu já volto.

A indígena sai. Hermes fica ali. A indígena volta e entrega um instrumento de sopro.

INDÍGENA (cont'd)

Toma isso aqui, é de tronco de paxiuba, palmeira amazônica. Som cheio e grave pra afastar o demônio.

HERMES

Obrigado.

Hermes se afasta soprando o instrumento. Sai um som cheio e grave. Diana e Débora chegam e Henrique vê as duas juntas.

HENRIQUE

Aonde vocês foram?

DIANA

Tive uma alucinação, saí correndo pela floresta e atolei na areia movediça.

DÉBORA

E eu fui atrás e salvei a vida dela.

DIANA

Minha heroína!

Henrique põe a mão na cabeça.

HENRIQUE

Acho que esse líquido sagrado bateu errado em todo mundo.

DÉBORA

Eu tô muito cansada, só quero tomar banho e dormir. Você vem, amor?

DIANA

Já vou.

Débora sai em direção à oca e Diana olha para a lua cheia e suspira.

CORTA PARA

73 INT. OCA - NOITE

73

Débora, Oscar, Henrique, Hermes, Guilherme, Victor, Sandro e Francisco dormem em seus cantos. Diana conversa com o pajé, que fuma um cachimbo.

PAJÉ

A Nhandervuçu não causa alucinação Diana. Ela reconecta nosso ser com o nosso espírito. Se você encontrou a Onça Boi, é porque ela já estava aí, dentro de você.

DIANA

Tem uma coisa que ninguém mais sabe sobre mim e que eu só fui descobrir agora, pajé.

PAJÉ

Pajé sabe. Diana é onça boi, mulher brava, guerreira.

DIANA

Mas não quero ser. Eu só quero encontrar a minha irmã e o antídoto que o meu pai acreditava estar dentro desse artefato.

Diana mostra o artefato para o pajé.

PAJÉ

Você não sabe como abre?

DIANA

Não. O senhor sabe, pajé?

Pajé dá uma baforada no cachimbo.

PAJÉ

Não. Mas pajé sabe que quando passado e futuro tiverem diante dos olhos de Diana, ela vai saber como abrir.

DIANA

O que isso quer dizer?

PAJÉ

Também não sei, pajé sente.

DIANA

Tenho medo do que eu posso encontrar no futuro.

PAJÉ

Não tema, Diana. E siga adiante. A sua jornada ainda está muito longe do fim.

O pajé dá outra baforada e Diana observa o artefato em suas mãos.

FUSÃO

74 STOCK SHOT

74

Amanhece na Floresta Amazônica.

FUSÃO

75 EXT. ALDEIA INDÍGENA - DIA

75

Débora, Hermes, Oscar, Henrique, Guilherme, que filma todos em volta, Victor, Sandro e Francisco, diante do pajé e dos indígenas, que lhes entregam farnéis com mantimentos. Diana, afastada, conversa por chamada de vídeo com Vó Zelina.

VÓ ZELINA

Aonde você está agora, Diana?

DIANA

Em uma aldeia no meio da Floresta Amazônica, vó Zelina. Pernoitamos aqui e agora vamos seguir viagem.

VÓ ZELINA

Espero que você já tenha me perdoado.

DIANA

A minha raiva já passou, se é isso que a senhora quer saber. Você não tem culpa de nada, vó. Sei que fez o que fez pra me proteger. Acho que no seu lugar eu também teria feito a mesma coisa.

VÓ ZELINA

Você não sabe como essas palavras me aliviam. Tenho muita esperança que você vai conseguir encontrar a Carla.

DIANA

Eu também, vó. Agora preciso desligar que nós vamos partir.

VÓ ZELINA

Fiquem com Deus. Boa viagem!

DIANA

Tchau, vó! Qualquer novidade eu te ligo.

Diana manda um beijo para Vó Zelina e desliga o celular.

VICTOR

Já tá todo mundo aqui? Podemos ir?

Débora assente.

DÉBORA

Vamos que ainda temos muito chão pela frente.

OSCAR

(p/ Hermes)

Pra onde vamos agora?

HERMES

Se eu não estiver enganado, acho que a Diana está indo pro lugar onde o pai dela desapareceu.

OSCAR

E se nós sumirmos também?

Henrique ri.

HENRIQUE

Não se preocupe, Oscar, não tem esse perigo, estamos muito bem equipados.

Diana diante do pajé.

DIANA

Obrigada por tudo, pajé!

PAJÉ

Que os deuses protejam e guiem o caminho de vocês.

O pajé faz uma reverência de proteção na direção de Diana e dos demais.

CORTA PARA

Diana, Débora, Oscar, Hermes, Henrique, Guilherme, Victor, Sandro e Francisco caminham.

Victor, Sandro e Francisco abrem caminho com facões. Diana se guia pelo GPS do celular, que está instável.

DIANA
Esse GPS tá me deixando confusa.
Acho melhor pedir ajuda pro Zé.

Diana aperta o botão do celular.

DIANA (cont'd)
Zé, ativar.

Zé se materializa.

ZÉ
Às suas ordens, Diana.

DIANA
Acho que estamos perdidos.

VICTOR
Perdidos nada, o caminho é pra lá.

Victor aponta numa direção.

DIANA
Mas o GPS tá mandando ir pro outro lado.

Diana aponta em outra direção.

DÉBORA
Professor, Hermes, o senhor já esteve aqui com o pai da Diana no passado, não se lembra do caminho.

HERMES
Ora, minha filha, mas já se vão mais de vinte anos, minha memória é boa, mas não é de elefante.

DIANA
Zé, qual o caminho certo até a árvore da vida?

ZÉ
Só um momento. Preciso primeiro nos localizar geograficamente.

Zé fecha os olhos e se concentra.

ZÉ (cont'd)
Se meu banco de dados estiver atualizado, o caminho é por ali.

Zé aponta para uma direção diferente da apontada por Victor e Diana.

ZÉ (cont'd)

É uma caminhada longa, a pé vai dar mais ou menos umas cinco horas de caminhada.

OSCAR

Ai, meus calos!

DIANA

Brigada, Zé. Desativar.

Zé desaparece.

DIANA (cont'd)

Simbora, gente, que ainda tem muito chão pela frente.

Eles seguem caminhando e esbarram em Francisco, que treme.

DIANA (cont'd)

O que foi, Francisco?

Francisco aponta um sucuri gigante, que passa tranquila e os ignora. Todos a admiram. Guilherme pega a câmera e fotografa. Victor saca a espingarda e aponta para a sucuri gigante.

VICTOR

(p/ Diana)

O que eu faço? Mato?

DIANA

Não! Vocês tão proibidos de matar qualquer animal da floresta.

(t)

Estamos entendidos?

Todos fazem que sim e Victor baixa sua espingarda.

VICTOR

E se aparecer um animal perigoso, uma onça? Vai deixar ela devorar todo mundo?

DIANA

Faça uma reverência. Ela é a rainha da floresta.

Alguns prendem o riso. Victor meneia a cabeça, inconformado e segue na frente, abrindo o caminho.

CORTA PARA

77 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - DIA

77

Victor, Sandro e Francisco vem na frente, abrindo caminho com facões, seguidos por Diana, Débora, Oscar, Henrique, Hermes e Guilherme. Diana olha em volta, confusa.

DIANA

Nós já não passamos por aqui?

DÉBORA

Não sei, a floresta parece tão igual.

OSCAR

Tenho certeza que eu já vi aquela árvore.

HERMES

Será que estamos andando em círculos?

DIANA

Sei que faz muito tempo, mas esse lugar te é familiar, professor?

HERMES

Sinceramente? Não.

DIANA

Será que o Zé se enganou?

HENRIQUE

Acho difícil uma inteligência artificial se enganar. Ela é programada justamente pra não cometer erros

Ouve-se a risada do Curupira.

FRANCISCO

Vocês ouviram isso?

SANDRO

Eu ouvi uma risada.

VICTOR

Cês se impressionam até com os sons da floresta. Belos seguranças que eu arranjei.

Eles seguem caminhando.

CORTE DESCONTÍNUO.

Victor, Sandro e Francisco vem na frente, abrindo caminho com facões, seguidos por Diana, Débora, Oscar, Henrique, Hermes e Guilherme.

HENRIQUE

Tô começando a achar que a gente já passou por aqui.

GUILHERME

Acho que não. É só impressão.

OSCAR

Já passamos sim, olha o risquinho que eu fiz no tronco dessa árvore.

Eles olham para um risco feito à faca no tronco de uma árvore.

DIANA

Eu sabia que a gente já tinha passado aqui da outra vez.

HERMES

Pelo visto estamos sim andando em círculos.

DÉBORA

Que perda de tempo!

Ouve-se a risada do Curupira.

FRANCISCO

Olha a risada aí de novo!

GUILHERME

Agora eu ouvi também, mas não sei da onde tá vindo.

O Curupira, sentado no galho de uma árvore, observa o grupo.

DIANA

Isso tá me cheirando a coisa do Curupira.

DÉBORA

Cê não tá falando sério, né?

DIANA

Claro que tô. Quando eu era criança a Vó Zelina vivia contando essas lendas pra mim e pra minha irmã.

SANDRO

E o que esse Curupira faz? Come gente?

Diana ri.

DIANA

Não. Ele é o guardião das matas e florestas. Ele só tá desorientando a gente pra não encontrarmos o caminho certo.

Victor pega a espingarda.

VICTOR

Se eu pego esse caipora é um tiro só no meio da testa.

DIANA

Não mistura as coisas, Victor. Caipora é outra lenda. E eu já disse que não quero que matem nada e nem ninguém.

OSCAR

Mas precisamos fazer alguma coisa ou nunca sairemos daqui.

Victor puxa uma bússola.

VICTOR

O jeito é seguir pela bússola. Pelas coordenadas que você me passou, Diana, é por ali.

Victor sai andando, seguido pelos demais.

CORTA PARA

78 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - DIA

78

Diana, Débora, Hermes, Oscar, Henrique, Guilherme, Victor, Sandro e Francisco seguem caminhando, com Victor os guiando com a bússola.

DIANA

Acho que agora nós conseguimos parar de andar em círculos.

HERMES

Tenho a leve impressão de que já passei por aqui.

DÉBORA

Ah, não, professor! Ainda tamos dando voltas pelo mesmo lugar?

HERMES

Não. Tô falando de antigamente. Quando eu tive aqui com o Karl.

O rosto de Diana se ilumina e ela encara Hermes.

DIANA

Tem certeza, professor? Isso é muito importante pra mim.

Hermes olha em volta e analisa com cautela.

HERMES

Certeza não tenho, mas esse caminho lembra bastante o que eu fiz com o seu pai há mais de vinte anos.

DIANA

Então a gente tá perto de chegar na árvore da vida!

HERMES

Sinto decepcioná-la, Diana, mas se você tem esperanças de encontrar o seu pai depois de todos esses anos, acho que essa viagem foi em vão.

DIANA

Não é esse o propósito da viagem, professor. Sei que meu pai não vai estar lá. Mas acredito que lá é o lugar aonde vamos encontrar o jeito de abrir o artefato, porque era lá que o meu pai acreditava que ele estava guardado.

(t)

Vamos!

Diana segue na frente, puxando a trupe.

CORTA PARA

79 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - NOITE

79

Soundtrack: Now We Ware Free - Lisa Gerrard.

Uma pantera negra no meio da Floresta Amazônica observa de longe a expedição caminhar mata a dentro. Close no olhar da pantera negra.

A pantera negra movimenta-se com suavidade acompanhando de longe a expedição. A pantera negra se transforma metamorfoicamente no ser lendário Onça-Boi.

CORTA PARA

80 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - NOITE

80

Tendas montadas e fogueira acesa ao centro. Por ali, Diana, Débora, Hermes, Henrique, Oscar, Guilherme, Victor, Sandro e Francisco.

DIANA

Vamos pernoitar aqui e seguimos viagem amanhã bem cedo.

DÉBORA

Ainda bem. Eu já tava ficando com medo de andar na floresta à noite.

VICTOR

Não se preocupem que eu meus homens vamos revezar como vigia.

DIANA

Obrigada, Victor.

DÉBORA

O que tem pra comer?

DIANA

Tem a comida que os indígenas prepararam, acho que dá pra esquentar na fogueira.

Débora assente e vai com Diana pegar.

HERMES

Débora, por favor!

Débora larga Diana e vai até Hermes.

VICTOR

(p/ Diana)

Eu te ajudo.

Victor vai com Diana para dentro de uma das tendas. Hermes fala com Débora, mas não se ouve o que eles dizem. Guilherme olha fascinado para o vídeo da aldeia indígena que passa na tela de sua câmera.

GUILHERME

(p/ Henrique)

Já tenho tantas imagens bacanas que dá até pra montar um documentário.

HENRIQUE

Mas não foi pra isso que a Diana te trouxe?

GUILHERME

Ela me contratou pra filmar e registrar a expedição, mas não falou nada de exibir depois.

HENRIQUE

Que estranho. Achei que ela pretendia fazer um grande documentário sobre a expedição e esse artefato. Vou falar com ela.

Henrique vai atrás de Diana e entra na tenda.

OSCAR

Quem mais vai sofrer sou eu para escrever alguma coisa interessante. Porque até agora a única coisa de singular que aconteceu foi tomarmos aquele porre com os indígenas.

Francisco treme de medo.

SANDRO

Que foi, Francisco? Tá com malária?

Todos se voltam e veem três onças pintadas andando por ali. As onças olham para Hermes, Débora, Oscar, Guilherme, Sandro e Francisco.

FRANCISCO

Meu Deus, eu não quero morrer.

Todos aterrorizados com as onças, que rondam.

OSCAR

Eu devia ter feito um seguro de vida.

GUILHERME

Uau! Eu nunca tinha visto uma onça de perto.

Guilherme saca a máquina fotográfica e uma onça ruge para ele.

SANDRO
Ninguém se move.

Diana e Henrique saem da tenda.

DIANA
Depois a gente vê isso, Henrique.
Agora eu só quero/

Eles param ainda na entrada da tenda quando se deparam com as onças.

HENRIQUE
O que é que a gente faz agora?

DIANA
Finge de morto.

Victor surge atrás deles.

VICTOR
Que é que tá pegando?

Victor vê as onças, entra de volta na tenda e volta com a espingarda engatilhada.

DIANA
Que você vai fazer?

VICTOR
Prefere que elas matem todo mundo?

Victor mira a espingarda em uma das onças. Diana tensa. O dedo de Victor no gatilho. Diana segura na espingarda.

DIANA
Não.

VICTOR
Elas vão atacar as pessoas.

Uma das onças se aproxima de Oscar, que desmaia. Outra onça ruge para Débora, prestes a atacá-la. A onça vai pula para atacar Débora e é derrubada por Carla Onça Boi, que pula em cima dela. Carla Onça Boi ruge para as onças, que fogem para o meio da floresta. Diana encara Carla Onça Boi, confusa. Hermes acode Oscar.

HERMES
Oscar! Você tá bem, Oscar? Fala comigo...

Henrique dá tapinhas de leve no rosto de Oscar.

FRANCISCO
Que criatura é essa?

Guilherme filma Carla Onça Boi, fascinada. Diana se aproxima de Carla Onça Boi e a encara.

DIANA
Você...

Carla Onça Boi sai correndo e some na floresta.

DIANA (cont'd)
Ei, volta aqui!

Diana sai correndo atrás de Carla Onça Boi e some na floresta.

DÉBORA
Diana!

HENRIQUE
Ela só pode ter ficado maluca.

Débora e Henrique tensos.

CORTA PARA

81 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - NOITE

81

Carla Onça Boi corre, com Diana em seu encalço, mais atrás.

DIANA
Volta aqui! Preciso falar com você!
(t)
Tô falando com você! Volta aqui!

Carla Onça Boi continua correndo. Diana perde o fôlego, para e inspira e expira e ao olhar em volta, percebe que Carla Onça Boi desapareceu.

DIANA (cont'd)
Droga!
(t)
Era ela sim, foi ela que raptou a
Carla, era igualzinha, metade onça
e metade mulher.

Diana continua andando. Vê-se Carla Onça Boi escondida em cima do galho de uma árvore, observando Diana, que continua caminhando.

DIANA (cont'd)
(grito de raiva)
Aaahhhhhhhhhhhhhhh!!!

Carla Onça Boi pula em cima de Diana e domina, ficando por cima dela. Ouve-se a respiração das duas.

CARLA ONÇA BOI
O que você quer de mim?

DIANA
Eu sei que foi você! Onde é que ela tá, o que você fez com ela?

CARLA ONÇA BOI
Eu salvei a sua vida e a dos seus amigos.

DIANA
Eu sei que foi você!

CARLA ONÇA BOI
Para de se debater, eu não quero te machucar.

Diana bate em Carla Onça Boi e e se desvencilha.

CARLA ONÇA BOI (cont'd)
Ai!

DIANA
Eu vi você aquela noite. Quando você levou embora a minha irmã.

Reação de Carla Onça Boi.

DIANA (cont'd)
Eu tava com ela no restaurante lá em Manaus, a gente ia no banheiro e de repente ela sumiu. Quando eu vi, ela tava no beco com você e do nada desapareceu. E eu nunca mais a vi, nunca mais viu a Carla.

Lágrimas escorrem dos olhos de Carla Onça Boi.

CARLA ONÇA BOI
Diana?

DIANA
Você me conhece?

CARLA ONÇA BOI
Sou eu... Carla!

Diana espantada. Carla Onça Boi emocionada.

DIANA
Não! Não pode ser...

CARLA ONÇA BOI
A gente ouvia as histórias da vó
Zelina lá na cozinha da fazenda,
maninha.

DIANA
Carla!

CARLA ONÇA BOI
Agora eu sou uma Onça Boi.

Diana e Carla se abraçam, emocionadas.

DIANA
É você mesma, irmãzinha?

CARLA ONÇA BOI
Sou eu. Que saudade de você!

As duas ficam abraçadas um instante e então Diana sai do abraço.

DIANA
Por que você nunca voltou pra casa?

CARLA ONÇA BOI
Porque aqui é a minha casa.

DIANA
A vovó me contou toda a verdade.
Nós somos criaturas fantásticas. Eu
também sou uma Onça Boi.

CARLA ONÇA BOI
O papai raptou a gente quando
éramos bebês. Naquela época que eu
sumi, a minha mãe foi me buscar de
volta, era ela que tava lá naquele
beco.

DIANA
Por que você fez isso com a gente,
pai, por que?

Diana chora. Carla Onça Boi a consola.

CARLA ONÇA BOI

Se ele não tivesse feito o que fez,
hoje você e eu seríamos criaturas
fantásticas e teríamos sido criadas
assim desde bebês.

DIANA

Eu não quero ser uma criatura
fantástica. Gosto de ser humana.
Você não sente falta?

CARLA ONÇA BOI

Não. Nunca fui humana e hoje não me
vejo como outra coisa que não seja
uma onça boi.

DIANA

Por isso o papai dava as injeções,
mas elas não eram o antídoto, eram
apenas um remédio que retarda a
mutação do nosso DNA. Quando ele
sumiu, estava em uma expedição pra
encontrar um artefato que continha
manuscritos com o antídoto. Só
assim nos tornaríamos humanas pra
sempre, sem a necessidade das
injeções.

CARLA ONÇA BOI

Você tem certeza que não quer ser
como eu? Ser uma onça boi é motivo
de grande responsabilidade e
orgulho pra mim. Nós somos
protetores das matas e das
florestas.

DIANA

Isso não é pra mim. Por isso fui
atrás do artefato que o papai tanto
procurava e o encontrei. Mas não
sei como abrir.

CARLA ONÇA BOI

Posso ver?

Diana pega o artefato no bolso e entrega para Carla Onça
Boi, que o analisa.

DIANA

Eu não sei como abrir. O pajé disse
que quando passado e futuro
tivessem frente a frente eu teria a
resposta, mas eu não entendi.

CARLA ONÇA BOI
Você sabe onde a gente está?

DIANA
Não.

CARLA ONÇA BOI
Olha em volta.

Diana olha em volta e Carla Onça Boi aponta uma árvore gigantesca.

CARLA ONÇA BOI (cont'd)
Aquela é a árvore da vida. Foi onde o papai desapareceu.

DIANA
Você sabe onde o papai está?

CARLA ONÇA BOI
Não, não sei.

DIANA
Mas então...

CARLA ONÇA BOI
Ele é o passado e eu sou o futuro, o seu futuro como Onça Boi.

DIANA
Já disse que não quero ser onça de nada! Eu sou humana e quero continuar humana, por isso vou abrir esse artefato, porque o papai acreditava que dentro dele está a receita do antídoto.

CARLA ONÇA BOI
Você não pode fazer isso. É contra a sua verdadeira natureza.

DIANA
Somos nós que escolhemos a nossa natureza.

CARLA ONÇA BOI
Não posso deixar você fazer isso.

Carla Onça Boi se prepara para destruir o artefato.

DIANA
Nãããããoooooooo!!!

Diana pula em cima de Carla Onça Boi e as duas caem no chão. O artefato é jogado e bate com força em uma pedra. O artefato se expande e abre de leve, mas não totalmente.

DIANA (cont'd)
Você não tem esse direito!

CARLA ONÇA BOI
Eu sou sua irmã. Você não pode negar a sua origem.

DIANA
Não quero negar. Quero ter o direito de escolher ser quem eu sou!

Diana corre até o artefato e o guarda.

CARLA ONÇA BOI
Quando você escolhe ser humana, está negando a mim, a nossa raça.

DIANA
Não, Carla, não pensa assim.

CARLA ONÇA BOI
Não me chamo mais Carla.

DIANA
Vem comigo, tem tantas pessoas que eu quero te apresentar. A vovó vai ficar tão feliz de/

CARLA ONÇA BOI
Eu não posso. Hoje a minha vida é essa daqui. Se você prefere ser humana, eu lamento.

DIANA
Não posso viver longe de você, Carla.

CARLA ONÇA BOI
Pode, pode sim. Esse é nosso destino.

(t)
Adeus, Diana.

Carla Onça Boi faz um carinho em Diana, que a abraça.

DIANA
Fica, por favor, fica.

Carla Onça Boi sai do abraço, se despede de Diana, carinhosa, e desaparece no meio da floresta. Diana, triste, a observa sumir e chora.

CORTA PARA

82 EXT. FLORESTA AMAZÔNICA - DIA

82

Débora, Hermes, Oscar, Guilherme, Victor, Francisco e Sandro por ali, desesperados.

DÉBORA
A gente devia ter ido atrás dela!

VICTOR
Não! Daqui ninguém sai!

DÉBORA
É a Diana, porra!

VICTOR
Eu sei, mas não podemos perder mais ninguém. É perigoso!

DÉBORA
Eu vou mesmo assim.

FRANCISCO
Não precisa. Olha ela vindo ali.

Francisco aponta e todos se voltam para Diana, que chega. Débora corre até Diana, a abraça e beija.

DÉBORA
Diana, meu amor, nunca mais faz isso comigo!

Diana chora convulsivamente.

DÉBORA (cont'd)
O que foi, meu amor? Você se machucou, aquele monstro te fez mal?

DIANA
Era a Carla, Débora. Ela era a minha irmã.

Débora abraça Diana e a consola.

DÉBORA
A sua irmãzinha que sumiu?

Diana faz que sim.

DIANA
Eu acho que a perdi pra sempre.

DÉBORA
Que loucura...

Débora, meio sem entender, abraça Diana.

DÉBORA (cont'd)
Você não tá bem, meu amor, não tá nada bem.

Victor se aproxima.

VICTOR
Tá tudo bem, Diana?

DÉBORA
Ela só precisa descansar um pouco.

DIANA
Não posso descansar, tenho que descobrir um jeito de abrir esse artefato.

Diana tira o artefato do bolso e Henrique nota a abertura.

HENRIQUE
Parece que ele abriu. Olha aqui.

Henrique pega o artefato, gira em sentido contrário e o abre em duas metades. Dentro dele, um papelzinho antigo e manchado, todo dobrado. Todos reage, surpresos. Diana pega o papelzinho e lê.

DIANA
Tá escrito em uma língua que eu não entendo.

OSCAR
Com licença.

Oscar pega o papel e lê.

OSCAR (cont'd)
Está em tupi-guarani.

DIANA
Você sabe ler tupi-guarani, Oscar?

OSCAR
Infelizmente não. Se ainda fosse
latim ou francês.

Diana sorri.

DIANA
Mas eu sei quem pode ler.

Na satisfação de Diana...

CORTA PARA

83 INT. OCA - DIA

83

Diana conversa com o pajé, que lê o papelzinho.

DIANA
E então, pajé? O que está escrito
aí?

O pajé termina de ler e encara Diana.

PAJÉ
É uma receita, uma poção. Aqui diz
que quem dela tomar, humano para
sempre se tornará.

DIANA
E quais são os ingredientes dessa
poção?

O pajé dá uma baforada no cachimbo.

PAJÉ
São cinco e cada um deles pode ser
encontrado em um região diferente
do Brasil.

Diana, feliz e satisfeita, encara o pajé.

CORTA PARA

84 EXT. TERRAÇO DE HOTEL EM MANAUS C/ VISTA - DIA

84

Diana, Débora, Vó Zelina, Hermes, Henrique, Oscar,
Guilherme, que tira fotos de todos e da paisagem, Victor,
Francisco e Sandro bebem e confraternizam. Vó Zelina com
Diana num canto.

VÓ ZELINA

Quando e Débora me telefonou, eu vim correndo. Fiquei tão preocupada com você.

DIANA

Ela tá linda, vó, mas tão diferente da Carla que a gente conheceu.

VÓ ZELINA

O importante é que ela está bem. Queria tanto tê-la visto. Acalmar meu coração.

DIANA

Um dia, quem sabe?

Hermes e Henrique conversam em outro canto.

HERMES

Uma pena não ter nenhuma informação relevante naquele manuscrito que estava no artefato.

HENRIQUE

Não sei, Hermes, mas não me convenceu nem um pouco essa história que a Diana contou de informações sobre os povos originários.

HERMES

Você acha que ela mentiu pra gente?

Henrique, desconfiado, encara Hermes, cabreiro. Oscar se aproxima de Diana.

OSCAR

Desculpe perguntar, mas, a nossa expedição acaba aqui, não?

DIANA

Felizmente não, Oscar. Está só começando.

Todos se voltam para Diana.

DIANA

Tenho uma nova proposta pra vocês.
Se vocês toparem, quero continuar a
expedição, agora pra visitar todas
as regiões do Brasil, onde vamos
catalogar cada criatura fantástica
que existe, como aquela que nós
vimos na floresta.

(t)

E então? O que vocês me dizem?

Débora, Hermes, Oscar, Henrique, Guilherme, Victor,
Francisco e Sandro se entreolham e encaram Diana, que sorri
enigmática.

FIM